



FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

MURILO GUARNIERI ROVERI

**GINÁSTICA DE TRAMPOLIM NO BRASIL: HISTÓRIA,
DESENVOLVIMENTO E DESAFIOS**

Campinas
2016

MURILO GUARNIERI ROVERI

**GINÁSTICA DE TRAMPOLIM NO BRASIL: HISTÓRIA,
DESENVOLVIMENTO E DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Graduação da Faculdade de Educação Física da
Universidade Estadual de Campinas como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Educação Física. Versão final da monografia.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto

Campinas

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio dos Santos Augusto - CRB 8/4991

R769g Roveri, Murilo Guarnieri, 1993-
Ginástica de trampolim no Brasil : história, desenvolvimento e desafios /
Murilo Guarnieri Roveri. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Marco Antônio Coelho Bortoleto.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Trampolim. 2. Competição. 3. Esporte-Administração. 4. Ginástica. 5.
Ginástica de trampolim. I. Bortoleto, Marco Antônio Coelho. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: Trampoline in Brazil: history, development and challenges

Palavras-chave em inglês:

Trampoline

Competition

Sport-Administration

Gymnastic

Trampoline gymnastics

Titulação: Bacharel

Banca examinadora:

Laurita Marconi Schiavon

Data de entrega do trabalho definitivo: 27-06-2016

COMISSÃO JULGADORA

Professor Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto

Professora Dr^a. Laurita Marconi Schiavon

Dedico este trabalho à todos os amantes da Ginástica, em especial aos envolvidos com a Ginástica de Trampolim, que trabalham diariamente para a evolução e reconhecimento merecido dessa fantástica prática.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, por serem a base daquilo que eu sou e acreditarem em mim e nos meus sonhos.

Agradeço ao GGU por tornar-se uma grande família e me acolher muito bem desde o primeiro momento e por todo o aprendizado, as amizades, o carinho e amor em todos os treinos, viagens e apresentações.

Agradeço à minha equipe de Ginástica de Trampolim da cidade de Campinas e aos meus técnicos, Matão e Domingos, que muito me ensinaram e me acompanharam durante todo o meu processo de crescimento e amadurecimento, além de despertarem o meu interesse pela Educação Física e pela Ginástica.

Agradeço à faculdade de Educação Física da UNICAMP e à CODESP por oferecerem um rico espaço de experiências e aprendizagem durante a minha graduação, assim como à todos os alunos, colaboradores e monitores envolvidos nos projetos de extensão, em especial às turmas de Trampolim.

Agradeço ao PIBIC por ter fornecido os subsídios necessários para a realização desta pesquisa.

Agradeço aos sujeitos da pesquisa que viabilizaram e enriqueceram o desenvolvimento deste trabalho. Ao Prof. Dr. Marco Antônio Coelho Bortoleto, por acreditar e motivar meu trabalho e trilhar junto a mim o caminho de pesquisador e futuro professor.

Por fim, agradeço aos amigos e amigas que estiveram presentes em todos os momentos, me auxiliando desde a correção e confecção do trabalho, para além das risadas a toa, sorrisos trocados, angústias compartilhadas e por deixarem a vida mais leve. Muito obrigado!

RESUMO

Embora seja uma modalidade olímpica, a Ginástica de Trampolim ainda aparece como um esporte marginal no Brasil, em um estágio incipiente de desenvolvimento e organização. Nesse contexto, a presente pesquisa teve como objetivo analisar de modo sistemático o desenvolvimento da modalidade no Brasil, enfocando em aspectos como organização institucional, os principais ginastas brasileiros e seus resultados competitivos no âmbito internacional, ações formativas de treinadores, qualificação da arbitragem, entre outros. Como caminhos metodológicos, realizamos uma revisão bibliográfica e documental seguida de entrevistas semiestruturadas junto a profissionais brasileiros que representam importantes especialistas com notabilidade internacional da modalidade Ginástica de Trampolim, tendo destaques como atletas, treinadores e/ou membros federativos. Os resultados indicam que mesmo tendo sido integrada à Confederação Brasileira de Ginástica, a modalidade ainda carece de uma política nacional e do suporte necessário para seu pleno desenvolvimento, apesar de bons resultados em competição continentais, e especialmente na submodalidade de duplo-mini em nível mundial.

Palavras-chave: Cama elástica; Competição; Esporte-Institucionalização; Ginástica; Ginástica de Trampolim; História.

ABSTRACT

Although it is an Olympic sport, Trampoline Gymnastics still appears as a marginal sport in Brazil, in an incipient stage of development and organization. In this context, the present study aimed to analyze systematically the development of the sport in Brazil, focusing on aspects such as institutional organization, the top brazilian gymnasts and their competitive results at the international level, training activities for coaches, qualification of arbitration, among others. As methodological approaches, we conducted a literature and document review followed by semi-structured interviews with Brazilian professionals who represent experts with international representation in Trampoline Gymnastics, such as athletes, coaches and / or federal members. The results indicate that even having been integrated into the Brazilian Confederation of Gymnastics, the sport still lacks a national policy and support necessary for their full development, despite good results in continental competition, and especially in submodality double-mini at world level.

Keywords: Competition; Elastic bed; Gymnastics; History; Sports-Administration; Trampoline.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABRATA	Associação Brasileira de Trampolim Acrobático
CBG	Confederação Brasileira de Ginástica
CBTEA	Confederação Brasileira de Trampolim e Esportes Acrobáticos
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CGDRJ	Clube Ginástico Desportivo do Rio de Janeiro
CMRJ	Colégio Militar do Rio de Janeiro
COI	Comitê Olímpico Internacional
DMT	Duplo-Mini Trampolim
FEF	Faculdade de Educação Física
FGERJ	Federação de Ginástica do Estado do Rio de Janeiro
FIG	Federação Internacional de Ginástica
FIT	Federação Internacional de Trampolim
FMG	Federação Mineira de Ginástica
FPG	Federação Paulista de Ginástica
FPT	Federação Paulista de Trampolim
GGU	Grupo Ginástico Unicamp
GPG	Grupo de Pesquisa em Ginástica
IC	Iniciação Científica
ODEPA	Organização Desportiva Panamericana
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo Consentimento Livre e Esclarecido
TOF	Time Of Flight
TS	Trampolim Sincronizado
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo
WAGC	World Age Group Competition

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Artistas circenses em ação durante o número de trampolim do Espetáculo “Dralion” da companhia Cirque Du Soleil.....	16
Figura 2: George Nissen em um de seus trampolins.....	17
Figura 3 - “Jornal” CBTEA– Ano 1 – nº 1.....	21
Figura 4 - “Jornal” CBTEA – Ano 2 – nº 3.....	22
Figura 5: Cartaz do 1º Campeonato Mundial de Trampolim, realizado na cidade de Londres, Inglaterra.....	26
Figura 6: Dan Millman e Judy Wills, os primeiros campeões mundiais.....	27
Figura 7: Boletim anual da FIT (1991).....	28
Figura 8: Ron Froehlich, presidente da FIT na época.....	29
Figura 9: Sergio de Almeida Bastos e José Martins de Oliveira Filho, os grandes responsáveis pelo surgimento e desenvolvimento da modalidade no país.....	32
Figura 10: Divulgação de cursos sobre Trampolim.....	32
Figura 11: Equipe do Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ) liderados por Sergio Bastos (canto inferior esquerdo da foto) após a brilhante participação no Campeonato Brasileiro de 1997.....	33
Figura 12: Logotipo da CBTEA.....	34
Figura 13: Quadro de Medalhas referente ao Campeonato Brasileiro de 1997.....	35
Figura 14: Cartaz de divulgação do Campeonato Brasileiro de 1997.....	35
Figura 15: Cartaz de divulgação do Campeonato Brasileiro por Idades de 1998.....	36
Figuras 16: Logo das federações: Federação Internacional de Ginástica (FIG), Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), Federação Paulista de Ginástica (FPG), Federação de Ginástica do Estado do Rio de Janeiro (FGERJ) e Federação Mineira de Ginástica (FMG).....	40
Figura 17: Mini-trampolim.....	41
Figura 18: Nissen saltando com um Canguru em meados da década de 1950.....	42
Figura 19: Ginasta prestes a saltar no Trampolim na cidade de Iowa, nos Estados Unidos por volta dos anos 1960.....	43
Figura 20: Apresentação de Trampolim na cidade de Iowa – Estados Unidos, na década de 1960.....	43

Figura 21: Funcionária da Nissen Trampoline Company demonstrando a confecção da tela.....	44
Figura 22: O mais moderno trampolim acompanhado de um par de colchões extensores.....	45
Figura 23: Aparelho eletrônico que calcula o ToF.....	46
Figura 24: Dupla norte-americana em ação na prova de trampolim sincronizado.....	51
Figura 25: Ginasta realizando o último elemento de sua passada no tumbling, durante o Mundial de 2011 em Birmingham, na Inglaterra.....	52
Figura 26: Duplo-Mini Trampolim.....	54
Figura 27: Logotipo dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007.....	57
Figura 28: A ginasta brasileira Giovanna Venetiglio executando sua série que garantiu o 3º lugar durante o Pan do Rio de Janeiro em 2007.....	58
Figura 29: Logotipo do 31º Campeonato mundial de Ginástica de Trampolim, realizado na Dinamarca em 2015 e classificatório para os Jogos Olímpicos Rio 2016.....	60
Figura 30: Logotipo do Campeonato Mundial e WAGC, realizado na Bulgária em 2013.....	61
Figura 31: Logotipo dos Jogos Mundiais de Cali.....	62
Figura 32: Ginasta competindo na estreia da Ginástica de Trampolim em Jogos Olímpicos	63
Figura 33: Rafael Andrade ao lado de sua treinadora, Tatiana Figueiredo.....	64
Figura 34: Rodolfo Rangel campeão mundial em 1998.....	70
Figura 35: Equipe Brasileira Vice-campeã Mundial no aparelho Duplo-Mini Trampolim em Birmingham – Inglaterra em 2011, com destaque para Bruno Martini (canto esquerdo da foto) que se sagrou Campeão Mundial Individual no aparelho durante a mesma competição.....	71
Figura 36: Carlos Ramirez Pala, Camilla Gomes e Rafael Andrade na Copa do Mundo da Suíça, em 2016	72
Figura 37: <i>Bungee Trampoline</i>	73
Figura 38: Parque de Trampolins “Jump Mania”, na cidade de Ribeirão Preto/SP.....	74
Figura 39: Linha do tempo com a trajetória da Ginástica de Trampolim no Brasil.....	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lista de documentos doados por Sergio Bastos	21
Quadro 2 – Série de Dan Millman em 1964	48
Quadro 3 – Série de Lionel Pioline em 1986	49
Quadro 4 – Série de Gao Lei em 2015	50
Quadro 5 – Medalhistas em Jogos Olímpicos	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorias do Campeonato Brasileiro por Idades	54
Tabela 2 – Categorias do Campeonato Brasileiro Júnior e Elite	55
Tabela 3 – Categorias do Torneio Nacional	56
Tabela 4 – Medalhistas de Trampolim em Jogos Pan-Americanos	57
Tabela 5 – Campeonatos Mundiais no período FIT	58
Tabela 6 – Campeonatos mundiais no período FIG	60
Tabela 7 – Árbitros brasileiros da prova Trampolim	66
Tabela 8 – Árbitros brasileiros da prova de Duplo-Mini Trampolim	67
Tabela 9 – Árbitros brasileiros da prova de Tumbling	67

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. UMA METODOLOGIA PARA ESTUDAR TRAMPOLIM.....	19
2.1. LEVANTAMENTO DE DADOS.....	19
2.1.1 Documentação indireta.....	20
2.1.2 Documentação direta.....	22
2.2. COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	23
2.3. ESTUDO PILOTO.....	23
2.4. SUJEITOS.....	24
2.5. ANÁLISE DE DADOS.....	25
3. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GINÁSTICA DE TRAMPOLIM.....	26
4. A GINÁSTICA DE TRAMPOLIM NO BRASIL.....	30
4.1. QUANTO ÀS AÇÕES FORMATIVAS – DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL.....	33
4.2. MUDANÇA NA ORGANIZAÇÃO FEDERATIVA.....	36
5. AS COMPETIÇÕES DE TRAMPOLIM.....	41
5.1. PROVAS COMPETITIVAS DE TRAMPOLIM E SEUS EQUIPAMENTOS.....	41
5.1.1. Trampolim.....	42
5.1.1.1 Exemplos de séries e sua evolução.....	47
5.1.2 Trampolim Sincronizado.....	50
5.1.3 Tumbling	51
5.1.4 Duplo-Mini Trampolim.....	53
5.2. AS COMPETIÇÕES NACIONAIS.....	54
5.3. AS COMPETIÇÕES INTERNACIONAIS.....	56
5.3.1. Jogos Panamericanos.....	56
5.3.2. Campeonatos Mundiais.....	58

5.3.3. Campeonato Mundial por Idades (WAGC).....	61
5.3.4. World Games.....	62
5.3.5. Jogos Olímpicos.....	62
6. ÁRBITROS BRASILEIROS NO CENÁRIO INTERNACIONAL.....	66
7. OS PRINCIPAIS GINASTAS BRASILEIROS E SEUS RESULTADOS.....	69
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS.....	77
ANEXOS.....	79

1. INTRODUÇÃO

Amplamente difundido em âmbito internacional, o Trampolim, modalidade esportiva popularmente conhecida como “cama elástica”, pode se expressar em distintas esferas. Suas possibilidades abrangem desde a prática informal, lúdica-lazer, que se manifestam em geral em festas, hotéis, parques recreativos; como forma de entretenimento, através de espetáculos de circo, por exemplo; e por fim, como disciplina esportiva de competição.

Foi graças ao Trampolim de competição que tive o impulso e o incentivo necessários para escolher a Educação Física como minha opção de formação acadêmico-profissional. Após ingressar na Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), vivi experiências diversas que possibilitaram uma expansão de conceitos, ideias e perspectivas, que acabaram resultando no desenvolvimento deste trabalho, o qual influenciou de forma significativa minha formação humana, pessoal e profissional.

O primeiro choque, que considero essencial e extremamente positivo, foi em relação à minha compreensão do que era ginástica e o que ela abrangia. Até então, devido a minha experiência de vários anos como ginasta de competição, minha visão limitava-se à competição e a busca de melhores resultados. No entanto, após ingressar no Grupo Ginástico Unicamp (GGU) em 2012, que possui uma fantástica proposta de inclusão e construção coletiva, pude compreender e conhecer o lindo e abrangente universo ginástico, melhorando e enriquecendo meu relacionamento com a Ginástica.

Logo, em 2013, iniciei minha atuação como monitor do Projeto de Extensão de Trampolim na FEF-UNICAMP e, desde então, juntamente com os professores responsáveis, Prof. Dr. Marco A. C. Bortoleto e Prof^a. Dr^a. Laurita M. Schiavon, e com a colaboração de vários colegas colaboradores e alunos do projeto, temos trabalhado para reativar¹ e fomentar a prática da modalidade no âmbito universitário. Foi nesse espaço que também puder experimentar o outro lado da prática do Trampolim, o do ensino.

¹ Apesar de não estarem ativas atualmente, ressaltamos aqui ações de profissionais como Jorge Sergio Pérez Gallardo, que abriu e ministrou aulas da disciplina “Trampolim Acrobático” e Daniel Batista De Brito Mota, que fundou o grupo de trampolinistas da UNICAMP, o UNIJUMP, evidenciando a importância do envolvimento docente nas contribuições para a fomentação do Trampolim na FEF-UNICAMP e na comunidade universitária como um todo.

Para além da prática, comecei a me envolver também no universo da pesquisa acerca desta temática, o que me incentivou a pleitear uma Bolsa de Iniciação Científica (IC) no programa PIBIC/UNICAMP no ano de 2014. Tal fato propiciou o apoio necessário para que esta pesquisa fosse colocada em prática. O presente trabalho, portanto, originou-se da pesquisa de IC PIBIC/CNPq, quota 2014-2015, e agora se apresenta como meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Entre o final da IC e o começo do desenvolvimento do TCC, houve um “intervalo”, recheado de novas experiências e oportunidades que, sem dúvida, influenciaram na finalização deste trabalho. Dentre elas estão a participação na 15ª World Gymnastrada, realizada em Helsinki – Finlândia em julho de 2015 e um intercâmbio na Gymnastikhøjskolen i Ollerup – Dinamarca, durante o 2º semestre de 2015. Nesse mesmo período, estive diretamente ligado à organização do 31º Campeonato Mundial de Ginástica de Trampolim e 24º Campeonato Mundial de Ginástica de Trampolim por Idades, realizados na cidade de Odense, Dinamarca.

Além disso, em virtude da minha época como ginasta de competição da cidade de Campinas-SP, pude vivenciar as dificuldades presentes no cotidiano da prática da modalidade, que abrangem questões de infraestrutura, material, investimento e muitos outros aspectos que, de forma indireta ou direta, influenciam o desenvolvimento dessa modalidade em nosso país. Essa perspectiva como praticante também me incentivou a realização desta pesquisa.

Dessa forma, este trabalho teve como objetivo analisar de modo sistemático o desenvolvimento da modalidade Trampolim no Brasil, analisando aspectos como organização institucional, resultados competitivos no âmbito nacional e internacional, cenário competitivo, além da análise das dificuldades enfrentadas para o pleno desenvolvimento desse esporte nacionalmente.

A Ginástica de Trampolim é uma das modalidades reconhecidas pela Federação Internacional de Ginástica - (FIG) -, e pode ser caracterizada – brevemente – por competições onde os ginastas realizam um ou mais saltos acrobáticos (rotinas) em diferentes aparelhos: Trampolim, Duplo Mini-trampolim e Tumbling (pista acrobática). Essas acrobacias combinam, entre outras características, altura, velocidade, ritmo, leveza e muita precisão.

De acordo com Alves (1994), os rudimentos do aparelho trampolim possivelmente advém do homem pré-histórico, tentando reproduzir o voo das aves, permitindo descobrir distintas formas de saltar e ser lançado no ar. Durante a Idade Média, os saltos foram utilizados como forma de divertimento e entretenimento para os reis, por meio de saltos realizados pelos bobos da corte sobre tábuas flexíveis ou em couro de animais. Outras práticas similares foram registradas na antiguidade, na China, Egito e Pérsia.

Com uma constituição parecida com a atual, o aparelho trampolim surgiu no circo. Griswold (1948), Harrise Breaecklein (1960) afirmam que o termo “Trampolim” origina-se na Idade Média, sendo consequência dos espetáculos de “varieté” franceses. Um artista circense francês, conhecido como *Du Trampolin*, viu a possibilidade de usar a rede de segurança do trapézio como uma forma de propulsão e aterrissagem para diversos saltos acrobáticos. Buscando incrementar ainda mais sua arte, ele e outros artistas começaram a experimentar novos e diferentes sistemas de suspensão, e, eventualmente, reduziam a rede a um tamanho prático para performances separadas, sem o trapézio (DA CUNHA POL, 2006). Esse espetáculo era conhecido pelo nome de “Trampolim”, palavra francesa que deriva-se de “Trapezista”. Até hoje, o trampolim integra diferentes espetáculos circenses, como os *La Nouba ou Dralion*, da companhia canadense Cirque du Soleil. Outra versão da origem da palavra é uma palavra espanhola que significa “prancha de saltos”, "El trampolin".

Figura 1: Artistas circenses em ação durante o número de trampolim do Espetáculo “Dralion” da companhia Cirque Du Soleil.

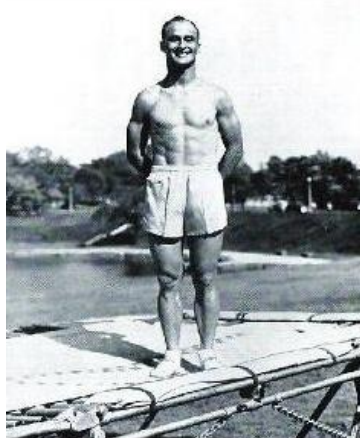


FONTE: www.cirquedusoleil.com (acesso em 06/7/15)

A utilização de trampolins com fins competitivos teve início em 1936, quando o americano George Nissen, inspirando-se na rede do trapézio de circo, criou em sua garagem em Iowa nos EUA, o primeiro trampolim dobrável e desmontável feito de um protótipo de molas de ferro em uma cama de tela e borracha (BROCHADO; BROCHADO, 2005, 2009). George, conhecido pelo seu perfil empreendedor, havia sido atleta de Ginástica Artística e Saltos Ornamentais, fato que influenciou diretamente na criação do novo aparelho, que auxiliaria no treinamento de ambas as modalidades. No caso dos Saltos Ornamentais, por exemplo, o Trampolim passa a ser utilizado principalmente na época de inverno e para evitar o treinamento intenso e repetitivo nas piscinas. Tal prática é utilizada até os dias de hoje (DUARTE, 1996).

George percorreu os EUA e o México demonstrando a nova modalidade e não demorou muito para que recebesse muitas encomendas de seu novo aparelho. Conforme descrito por Brochado e Brochado (2005, 2009), Nissen contou com a ajuda de seu amigo Larry Grisworld, também ex-ginasta, e, em 1941, fundaram a *Nissen Trampoline Company*. Entre seus principais clientes estavam escolas de ensino médio e universidades, que incluíram o Trampolim no programa competitivo de ginástica. Esses eventos identificaram talentos que representariam a empresa de George em sua divulgação mundial. A Companhia desenvolveu uma série de filmes de instrução em preto e branco para promover as técnicas específicas do esporte, juntamente com um livro de acompanhamento de Frank Ladue chamado "dois segundos de liberdade", título um pouco fantasioso tendo em vista a natureza básica do equipamento na época (FIG, 2014).

Figura 2: George Nissen em um de seus trampolins.



FONTE: <https://usagym.org> (acesso em 06/7/15)

De acordo com a Federação Norte-Americana de Ginástica – (USA GYMNASTICS), a utilização do Trampolim tornava-se cada vez mais ampla e abrangente e, na década de 1940, a invenção passa a ser utilizada com fins militares pelas Forças Aéreas norte-americana, soviética e francesa. Os saltos no trampolim foram utilizados para o treinamento de paraquedistas, pilotos de avião e também astronautas, já que objetivo do trampolim durante o treinamento foi reduzir o medo de cair, o domínio do corpo no ar e da ação de “estar de cabeça para baixo” (inversão / rotação), aprender e desenvolver equilíbrio e controlar o corpo enquanto no ar, preparando, assim, os militares para possíveis *loopings* ou quedas de aeronaves. O uso dos trampolins com esse fim continuou por muitos anos e só foi abandonado na década de 1980 com a introdução de simuladores mais sofisticados.

Segundo a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), até por volta de 2003, a Ginástica de Trampolim era denominada como Trampolim Acrobático, o que gerava muita confusão com a modalidade aquática Saltos Ornamentais. Daí a inclusão do termo 'Ginástica', antes do 'Trampolim'. Sua trajetória como esporte será melhor analisada mais adiante.

2. UMA METODOLOGIA PARA ESTUDAR TRAMPOLIM

Visando reunir dados acerca do desenvolvimento da Ginástica de Trampolim no Brasil, objetivo da presente pesquisa, optamos por utilizar uma abordagem qualitativa (TRIVIÑOS, 1999) neste trabalho, baseada em revisões bibliográficas e documentais. Pesquisas qualitativas possuem como objetivo a análise de situações complexas ou particulares. Este tipo de estudo pode ajudar a descrever a complexidade de um dado problema e mapear a interação entre as várias partes que o compõem.

No que diz respeito a sua aplicação, a abordagem qualitativa difere da abordagem quantitativa pelo fato de não utilizar dados estatísticos como ponto fundamental do processo de análise de um problema, ou seja, não tem a pretensão de medir ou numerar unidades em categorias homogêneas. Segundo Oliveira (1997, p. 117):

As pesquisas que se utilizam da abordagem qualitativa possuem a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo e permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos.

Já Vieira e Zouain (2006) definem a abordagem qualitativa como estando de acordo com os princípios e crenças do investigador, atribuindo muita importância à descrição detalhada dos fenômenos e elementos que os envolvem, aos depoimentos de pessoas envolvidas, aos discursos, significados e contextos, não se utilizando de instrumental estatístico na análise de dados.

2.1. LEVANTAMENTO DE DADOS

Para o levantamento de dados desta pesquisa, utilizamos as técnicas de documentação indireta e direta.

2.1.1. Documentação indireta

De acordo com Lakatos e Marconi (1991), a documentação indireta consiste no levantamento de todos os dados possíveis sobre o assunto a ser pesquisado, independentemente das técnicas utilizadas. É o estágio da pesquisa que objetiva recolher informações preliminares sobre o campo pelo qual se manifesta interesse. No caso desta pesquisa, esse levantamento de dados ocorreu de duas formas distintas: a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica.

A pesquisa documental, de acordo com Godoy (1995), visa à coleta de dados restrita a documentos, escritos ou não. As principais fontes de documentos são: arquivos públicos, arquivos particulares, fontes estatísticas, iconografia, fotografias, objetos (etnográficos). Nesta etapa, portanto, realizamos o levantamento de fontes primárias, ou seja, documentos que não sofreram nenhum tratamento científico, que inclui desde diversas categorias de impressos, manuscritos, registros audiovisuais e sonoros, até documentos mais específicos que estão diretamente relacionados com a Ginástica de Trampolim, como códigos de pontuação e resultados de competições. Parte desses documentos foi obtida por meio de uma doação do Prof. Sergio Bastos, um ícone da Ginástica de Trampolim para o Grupo de Pesquisa em Ginástica (doação realizada em 2014).

Por outro lado, a pesquisa bibliográfica tem como objetivo reunir toda a bibliografia possível sobre o tema estudado, desde publicações escritas até as comunicações orais (LAKATOS, 2001). Visa pôr o pesquisador em contato com o que foi dito, filmado e, principalmente, escrito sobre determinado assunto, portanto, oferece meios para a solução de problemas já conhecidos, possibilitando o exame de um tema sob novo aspecto ou abordagem. Os principais sites utilizados como fonte para a busca de diversos documentos e informações que compõe a análise documental deste projeto foram os sites da FIG e da CBG. Além disso, ainda foram levantadas informações através da consulta de documentos de diversas mídias de domínio científico, englobando teses, dissertações, TCCs, artigos e livros que possuam uma relação com este projeto e com a Ginástica de Trampolim.

Quadro 1 – Lista de documentos doados por Sergio Bastos² que foram incluídos na pesquisa

DOCUMENTO	ANO
F.I.T. (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE TRAMPOLIM) NEW	1991
F.I.T. (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE TRAMPOLIM) NEWS	1993
“Jornal” CBTEA (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TRAMPOLIME ESPORTES ACROBÁTICOS) – Ano 1 – nº 1	1997
“Jornal” CBTEA (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TRAMPOLIM E ESPORTES ACROBÁTICOS) – Ano 2 – nº 3	1998
“Jornal” CBTEA (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TRAMPOLIME ESPORTES ACROBÁTICOS) – Ano 2 – nº 4	1998
Regras de competição da F.I.T. (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE TRAMPOLIM)	1997
Resultados Campeonato Brasileiro de Trampolim	1997
Anuário da CBTEA (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TRAMPOLIME ESPORTES ACROBÁTICOS)	1998
Resultados Campeonato Brasileiro de Trampolim por idades	1998
Programa de preparação física da CBG (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA)	2001
Código de Pontuação FIG (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA)	2001-2004

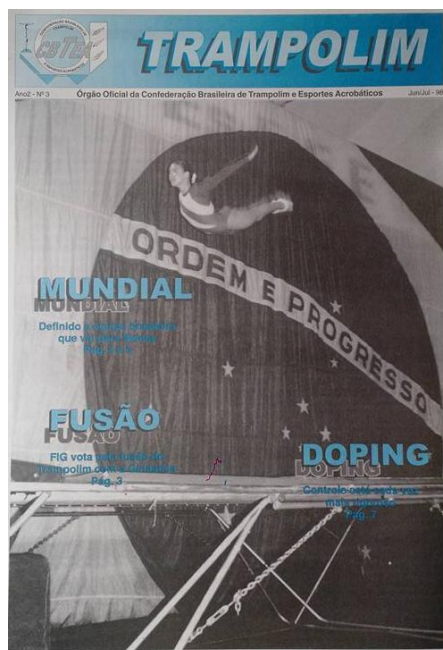
Figura 3 - “Jornal” CBTEA (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TRAMPOLIM E ESPORTES ACROBÁTICOS) – Ano 1 – nº 1.



FONTE: Acervo cedido pelo Prof. Sergio Bastos.

² Agradecemos à Sergio de Almeida Bastos, que enriqueceu este trabalho, entre outros fatores, por meio da doação de diversos documentos ao Grupo de Pesquisa em Ginástica – (GPG) –, da FEF - UNICAMP e à biblioteca da mesma instituição

Figura 4 - “Jornal” CBTEA (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TRAMPOLIME ESPORTES ACROBÁTICOS) – Ano 2 – nº 3.



FONTE: Acervo cedido pelo Prof. Sergio Bastos.

2.1.2 Documentação direta

Segundo Lakatos e Marconi (1991), a documentação direta consiste no levantamento de dados no próprio local onde o fenômeno ocorre. Os dados podem ser obtidos de uma pesquisa de campo ou por meio de uma pesquisa de laboratório. Neste trabalho optamos pela pesquisa de campo, que se apresentou como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento partindo da realidade presente no campo (MINAYO, 1994).

Logo, realizamos entrevistas junto os participantes da pesquisa, que representam profissionais especialistas em diferentes categorias na Ginástica de Trampolim, como veremos mais adiante, e, as quais, segundo Barros e Lehfeld (2007), caracterizam-se como uma técnica que permite o relacionamento estreito entre entrevistado e entrevistador, onde buscamos conseguir, por meio de uma conversa, dados considerados relevantes sobre um determinado problema de pesquisa.

As entrevistas realizadas foram semiestruturadas (FLICK, 2004), com um roteiro de perguntas previamente elaborado (anexo III), com questionamentos que possibilitaram vazão a desdobramentos, e até mesmo para o surgimento de perguntas

não previstas no roteiro inicial. Em outras palavras, trata-se de um estudo descritivo-exploratório (GODOY, 1995).

Na opinião de Flick (2004), a entrevista semiestruturada permite acessar os dados “direto da fonte”. De acordo com Triviños (1987), esse método valoriza o entrevistado e o investigador, que oferece várias perspectivas possíveis para que o entrevistado alcance a liberdade. Desta forma, o entrevistado pode seguir sua linha de pensamento e de suas experiências dentro do foco proposto pelo pesquisador, participando também da elaboração do conteúdo da pesquisa.

2.2. COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Para desenvolver esse estudo, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, via sistema on-line Plataforma Brasil. Após a primeira submissão, realizada em fevereiro de 2015, o CEP exigiu alterações no modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido enviado na primeira versão, e, uma vez feitas as alterações requeridas, o parecer – nº 989.213 (anexo I) – concedido em março de 2015, aprovou a realização da pesquisa.

Além disso, os voluntários participantes da pesquisa concordaram com a participação na mesma assinando individualmente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (anexo II), que apresentava as premissas éticas deste estudo, a contextualização e a metodologia a ser utilizada.

2.3. ESTUDO PILOTO

O estudo piloto ou o pré-teste do instrumento de coleta de dados consiste em saber como o questionário se comporta numa situação real de coleta de dados. Ele se refere à aplicação prévia do instrumento de coleta de dados a um grupo que apresente as mesmas características da população incluída na pesquisa, tendo por objetivo revisar e direcionar aspectos de investigação (RICHARDSON, 1999). Segundo Marconi e Lakatos (2006), o estudo piloto busca verificar se os termos utilizados nas perguntas são de compreensão dos respondentes, se as perguntas estão sendo entendidas como

deveriam ser, se a sequência das perguntas está correta, se não há objeções na obtenção das respostas e se o tempo demandado no seu preenchimento é extenso.

Visando identificar possíveis falhas e a necessidade de ajustes, e também como forma de teste pessoal, neste trabalho realizamos um estudo piloto do roteiro das entrevistas com um especialista da Ginástica de Trampolim. Esta entrevista prévia foi realizada em março de 2015 junto ao técnico de trampolim da cidade de Campinas-SP, em uma sala pertencente ao local de treinamento da equipe municipal. Para tal, utilizamos um gravador de voz digital e o gravador de áudio do aparelho celular modelo Motorola Moto X.

2.4. SUJEITOS

Os voluntários participantes do estudo foram três profissionais brasileiros que representam importantes especialistas com notabilidade internacional da modalidade Ginástica de Trampolim, todos com atuação na área há mais de 15 anos, tendo destaques como atletas, treinadores e/ou membros federativos neste período. Assim, os entrevistados foram divididos em três categorias que correspondem a sua atuação: Categoria 1- Treinador/Membro de Federação; Categoria 2 - Atleta; e Categoria 3 – Árbitros.

Dois sujeitos foram entrevistados no município de Rio de Janeiro – RJ, no mês de abril de 2015. O primeiro, que representava a categoria atleta, foi entrevistado em seu local de treinamento, enquanto o segundo, que representava a categoria técnico/membro federativo, foi entrevistado em sua residência. Já o terceiro sujeito, representante da categoria árbitros, foi entrevistado durante o Campeonato Brasileiro de Ginástica de Trampolim por Idades, realizado na cidade de Goiânia – GO, em maio de 2015.

O registro das entrevistas foi realizado através de um gravador de voz digital e o gravador de áudio do aparelho celular já citado. Após a coleta dos depoimentos orais, obtivemos os dados e informações primordiais para este trabalho. Logo, foram realizadas as transcrições das mesmas, transformando-as em linguagem escrita. Segundo Freitas (2002), é necessário assegurarmos grande parte da originalidade e a

espontaneidade durante a transcrição da entrevista, fazendo com que o conteúdo não sofra alterações que possam significar a perda da funcionalidade da mesma.

2.5. ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados foi realizada por meio de uma Análise de Conteúdo, que, de acordo com Bardin (2011) é entendida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Logo, após a realização da transcrição das entrevistas, os dados foram classificados e categorizados em cinco diferentes categorias que se relacionavam, facilitando a interpretação dos resultados de acordo com os objetivos estabelecidos. Foram elas:

1. Atletas (resultados competitivos);
2. Ações formativas (qualificação profissional);
3. Treinadores;
4. Arbitragem;
5. Eventos (competições).

Os dados obtidos nas entrevistas tiveram como objetivo complementar as informações adquiridas com os dados da pesquisa bibliográfica e documental. Essa relação possibilitou a elaboração de um trabalho mais completo, abrangente e com menos possibilidades de falhas.

3. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GINÁSTICA DE TRAMPOLIM

Embora tenha se desenvolvido como esporte na década de 1940, foi em 22 de março de 1964, foi criada em Londres a Federação Internacional de Trampolim (FIT) com 42 membros federados. René Schaerer, da Suíça, é eleito Presidente e Erich Kinsel torna-se Secretário-Geral. Em 21 de março do mesmo ano, o Royal Albert Hall em Londres hospeda o primeiro Campeonato Mundial. Judy Wills e Dan Millman, ambos dos Estados Unidos, são os primeiros campeões mundiais.

Figura 5: Cartaz do 1º Campeonato Mundial de Trampolim, realizado na cidade de Londres, Inglaterra.



FONTE: <http://www.wikiwand.com/en/Trampolining> (acesso em 10/04/16)

Figura 6: Dan Millman (EUA) e Judy Wills (EUA), os primeiros campeões mundiais.



FONTE: <http://olympictrampolineacademy.com> (acesso em 05/7/15)

Nos anos seguintes, de acordo com a FIG, outras provas da modalidade foram inseridas no contexto mundial. O Trampolim Sincronizado e o Tumbling entraram para os campeonatos Mundiais a partir de 1965, já o Duplo-Mini Trampolim foi incluído no mesmo campeonato em 1976, realizado em Tulsa, nos EUA. Vale ressaltar que apesar de o Tumbling ter sido inserido em 1965, ele só retornou como uma disciplina da FIT em 1976.

Em 1985, segundo a FIG, a disciplina passa a fazer parte do programa do *World Games* em Londres (GBR). Em 1988, a FIT torna-se uma organização reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional – COI, um passo crucial para que o Trampolim começasse a considerar os Jogos Olímpicos e logo fazer uma alteração fundamental.

Figura 7: Boletim anual da FIT (1991).

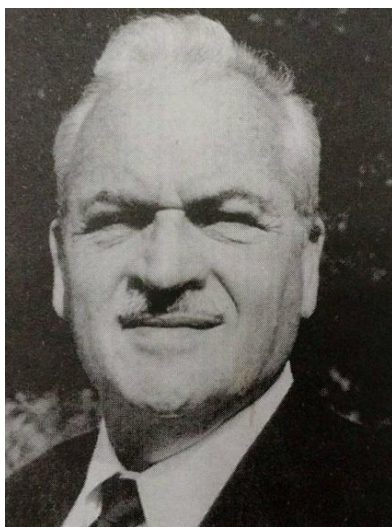


FONTE: Acervo da FEF-UNICAMP doado pelo Prof. Sergio Bastos.

Durante o ciclo 1993-1996, o presidente da FIT, Ron Froehlich, e seu Secretário Geral, Gueisbuhler, desenvolveram uma estratégia para chamar atenção a modalidade: uma grande demonstração de Trampolim. Esta foi realizada no dia 30 de maio de 1996 na parte externa do Museu Olímpico em Lausanne (SUI), com a presença de diversas autoridades Olímpicas, entre elas o presidente do COI, Juan Antonio Samaranch, membros do COI, membros do Comitê Técnico da FIT, presidente da FIG, Yuri Titov, e os melhores trampolinistas daquela época.

Após o Congresso da FIG, realizado em Vilamoura (Portugal) em maio de 1998 e o Congresso da FIT em Sydney (Austrália) realizado no mesmo ano, a incorporação da modalidade é aceita e ratificada em ambos os congressos. Desse modo, até 1998 o esporte tinha a FIT como entidade máxima e órgão responsável pela promoção de eventos da modalidade em todo mundo. Neste ano, a FIT é dissolvida e em 1 de janeiro de 1999, as modalidades já existentes na FIT (Trampolim, Tumbling e Duplo Mini-Trampolim) foram incorporadas à FIG.

Figura 8: Ron Froehlich, presidente da FIT na época da incorporação à FIG



FONTE: <http://olympictrampolineacademy.com> (acesso em 05/07/15)

Durante os anos seguintes a modalidade foi sofrendo algumas modificações até alcançar a configuração atual, tendo sido a modalidade de Trampolim individual (masculino e feminino) reconhecida como disciplina Olímpica em 2000, juntando-se às outras modalidades gímnicas olímpicas: Ginástica Artística Masculina e Feminina e Ginástica Rítmica.

4. A GINÁSTICA DE TRAMPOLIM NO BRASIL

No Brasil, um dos principais fatores que contribuiu para o surgimento do Trampolim como modalidade esportiva foi a vinda do professor alemão Dr. Hartmut Riehle em 1974. O referido professor, que acumulava grande experiência no Trampolim, incluindo o título de Campeão Mundial em 1967, ministrou cursos de Ginástica Artística nos estados de SP e RJ. Motivado, José Martins Oliveira Filho, professor de Educação Física de São Paulo, inscreveu-se no curso de especialização da Universidade de Colônia – Alemanha e, ao retornar, desenvolveu aulas de Trampolim na Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo (USP). Durante este período, o Trampolim em SP esteve agregado à Federação Paulista de Ginástica (FPG), e ainda não estava presente em outras regiões brasileiras.

Em 1976, o Trampolim passa a ser utilizado na preparação acrobática de ginastas nos clubes brasileiros de Ginástica Artística. Neste mesmo ano, inicia-se a prática competitiva de Trampolim no Brasil, graças a realização do primeiro campeonato de Mini-trampolim, ocorrido no Clube Ginástico Desportivo do Rio de Janeiro (CGDRJ) e organizado por Sergio Bastos, ex-ginasta de Ginástica Artística e um dos principais entusiastas e incentivadores do Trampolim no Brasil.

O Torneio Intercidades do Estado de SP, é considerado pelos pioneiros como o evento marco para o surgimento da modalidade esportiva Trampolim Acrobático no país. O evento foi realizado no Ginásio do Ibirapuera em 1984, onde competiram ginastas das cidades de São Paulo, Sorocaba e Guarulhos. Dois anos depois, em 1986, realizou-se o primeiro campeonato interestadual de Trampolim do Brasil na 5ª Copa Vasco da Gama de Ginástica, com a participação da Equipe da Academia FIT (SP) e do C. R. Vasco da Gama (RJ).

Neste primeiro momento, de acordo com Sujeito 1, que representa a categoria Treinador/Membro Federativo, desde o aparecimento da prática no país até o final da década de 1980, as atividades desenvolvidas em trampolins tinham, em sua maioria, fins meramente recreativos. Porém, a modalidade sofre um grande crescimento e difusão a partir da adoção do Trampolim no treinamento das Forças Armadas que, além das tarefas militares, também eram realizadas apresentações públicas. De acordo com esse sujeito, no período entre 1955 e 1965, a Brigada de Paraquedistas do Rio de

Janeiro treinava Trampolim e na Academia da Força Aérea (Escola de Cadetes da Aeronáutica), que funcionava no Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro, havia uma equipe de cadetes que treinavam e se apresentavam em festivais diversos nas décadas de 1960 e 1970.

A incorporação do Trampolim ao treinamento da Ginástica Artística foi de primordial importância para que alguns de seus ex-praticantes assumissem o compromisso de desenvolver a nova modalidade. A partir de então, frente ao aperfeiçoamento técnico dos professores, à realização das primeiras competições e à aquisição de aparelhos apropriados, o Trampolim passou a ser desenvolvido como modalidade autônoma no Brasil.

Durante o ano de 1989, considerado o ano “divisor de águas” do trampolinismo no país, a modalidade seguiu dando importantes saltos para seu desenvolvimento. Em março foi criada a primeira federação de Trampolim do Brasil, a Federação Paulista de Trampolim – (FPT), entretanto esta entidade não foi oficializada. Em julho, um grupo de professores e atletas brasileiros de SP e RJ, liderados por José Martins, participaram de um Curso Técnico de Trampolim, na Universidade de Konztanz – Alemanha. Durante este curso, os brasileiros participantes foram orientados pelos alemães ministrantes a fundar uma federação própria. Logo, no dia 1º de dezembro desse mesmo ano, professores e dirigentes de várias entidades fundaram a Federação de Trampolim e Ginástica Acrobática do Estado do Rio de Janeiro- (RIOTRAMP), a primeira federação de Trampolim oficializada no Brasil, sendo Sérgio Bastos eleito Presidente.

A partir de então, o Trampolim passou a ser desenvolvido como modalidade esportiva de competição. Em Setembro de 1990 foi realizado o I Campeonato Brasileiro de Trampolim Acrobático, na cidade de Mogi Mirim-SP. Durante o evento foi fundada a Associação Brasileira de Trampolim Acrobático – (ABRATA), sendo eleito José Martins como Presidente e neste mesmo ano, a ABRATA filiou-se à FIT, oficializando e projetando o Trampolim Brasileiro no cenário internacional, tornando possível a estreia do Brasil em campeonatos Mundiais de Trampolim, com atletas do Rio de Janeiro e São Paulo. O empenho de muitos aficionados, com destaque para os professores José Martins (SP) e Sérgio Bastos (RJ), transformou o Trampolim em uma

modalidade bastante praticada no país, inclusive com bons resultados em competições internacionais.

Figura 9: Sergio de Almeida Bastos e José Martins de Oliveira Filho, os grandes responsáveis pelo surgimento e desenvolvimento da modalidade no país.



FONTE: <https://www.revezamentobra.com.br> (acesso em 31/05/16)

Este desenvolvimento aconteceu graças à realização de clínicas e cursos técnicos ministrados por pessoas especialistas e bem conceituadas internacionalmente, assim como a participação regular das equipes nos principais eventos internacionais da modalidade. Ou seja, houve investimento em material e conhecimento para que a técnica fosse melhorada, como podemos ver nas reportagens a seguir do informativo “Trampolim”, uma espécie de jornal que costumava ser distribuído mensalmente e gratuitamente pela Confederação Brasileira de Trampolim e Esportes Acrobáticos (CBTEA), entidade que veremos mais adiante.

Figura 10: Divulgação de cursos sobre Trampolim.

Congresso Técnico Todos os representantes de federações e clubes filiados à CBTEA estão convocados para participar do Congresso Técnico que acontece nos dias 28, 29 e 30 de novembro no Rio de Janeiro. Entre outros assuntos serão discutidas mudanças no Estatuto e regulamento da CBTEA e os calendários até o ano 2000. Não deixe de comparecer! Você só pode mudar, se participar.	Curso Nacional de Arbitragem Será, realizado no final do Curso de Técnica - dias 6, 7 e 8 de fevereiro, o <i>Curso Nacional de Arbitragem</i> que será coordenado pelo Professor Aaron Johnson e ministrado pela Comissão Técnica da CBTEA - Marília Bernadeli, Marcelo Neves e Bruno Weissmann. Valor do Curso: R\$ 100,00. Inscrições a partir do dia 20 de dezembro.
TRAMPOLIM Trampolim é um veículo mensal e dirigido, distribuído gratuitamente pela Confederação Brasileira de Trampolim e Esportes Acrobáticos (CBTEA). Projeto gráfico e editoração: Segrindia Comunicação Tel: (021) 283-0124 Impressão: Reproarte (021) 283-4549 Diretoria da CBTEA Presidente: Sérgio Bastos Vice-presidente: Pedro Paiva Secretário Geral: Marcelo Neves Tesoureiro: Marcelo A. de Oliveira Presidente do Comitê Técnico: Marília Bernadeli Presidente Comitê de Gin. Acrobática: Ricardo Paes Membros do Comitê Executivo: Cláudio Freitas, Roniedson Alves e Marcos Vinícius Comissão Médica: Dr. José Luis Cassolotto Coordenador Comissão de Promoção: José Martins Filho Conselho Fiscal: Roseane Mendes (MG), José Antônio Bueno (RJ) e Paulo Sérgio Hernandez (GO)	Curso Nacional de Técnica em Trampolim, Tumbling e Duplo Mini Professor Canadense Aaron Johnson que é membro da Comissão Técnica da FIT - Federação Internacional de Trampolim e Técnico da Seleção Canadense de Trampolim virá ao Brasil para um Curso Nacional de Técnica em Trampolim, Tumbling e Duplo Mini, no período de 2 a 6 de fevereiro de 1998, no Colégio Militar do Rio de Janeiro. - Duração do Curso 5 dias úteis; - Carga horária 40 horas (8 horas por dia); - Valor do Curso: R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais); - Inscrições a partir de 20 de novembro de 1997.
Curso Nacional de Arbitragem A Federação Mineira de Trampolim com apoio da CBTEA realizou, em Viosa, Curso de Arbitragem Nacional, no período de 26 a 28 de setembro de 1997, ministrado pelos Professores: Marília Gabriela Bernadeli e João Luiz Soares da Costa e foram aprovados os seguintes alunos: Camila Cristina Bernadeli, Pedro Alves Paiva; Marcus Vinícius Ambrósio; Rodrigo Cordeiro de Araújo. Envie sua carta para: Av. Rio Branco, 156/sala 1401 - Centro - RJ - CEP: 20043-900	

FONTE: “Trampolim”- CBTEA- 1ª edição 1997- Acervo da FEF-UNICAMP doado pelo Prof. Sergio Bastos.

4.1 QUANTO ÀS FORMAÇÕES FORMATIVAS – DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

De acordo com os sujeitos entrevistados, o desenvolvimento do Trampolim no Brasil foi baseado num tripé composto por: treinadores qualificados; local adequado para treino; e material de ginástica. Se faltar um desses fatores, o tripé não se estabiliza. Essas ações eram de certa forma apoiadas pelo Colégio Militar do Rio de Janeiro – (CMRJ), local onde Sergio Bastos estava desenvolvendo seu trabalho com Trampolim. O CMRJ apenas sediava o espaço para o treinamento e realização de clínicas e cursos, não havendo nenhum tipo de ajuda financeira. No entanto, por tratar-se de uma entidade centenária, a equipe que já estava obtendo reconhecimento nacional, internacional e da imprensa, recebeu apoio suficiente para comprar materiais e trazer mais de dez treinadores estrangeiros. Quando não recebiam apoio, muitas vezes os gastos eram financiados pelo próprio bolso de treinadores e atletas. Quando viajavam para competições internacionais, por exemplo, traziam molas, telas, tablado e outros materiais de ginástica divididos nas malas. Por não haver muitas condições, a solução era ser criativo, ou seja, todas as ações e conquistas eram fruto de um grande esforço coletivo com respaldo de grandes entusiastas como Sergio Bastos.

Figura 11: Equipe do Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ) liderados por Sergio Bastos (canto inferior esquerdo da foto) após a brilhante participação no Campeonato Brasileiro de 1997.



FONTE: “Trampolim”- CBTEA- 1ª edição 1997- Acervo da FEF-UNICAMP doado pelo Prof. Sergio Bastos.

Em 1995, foi realizado o 1º Curso Internacional de Arbitragem da FIT na cidade de São Paulo, formando os primeiros árbitros internacionais brasileiros. Neste ano, segundo a fala dos sujeitos e CBTEA, a prática do Trampolim estava oficialmente presente em oitos estados brasileiros: Rio de Janeiro, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Pernambuco, Espírito Santo e Minas Gerais. Também em 1995, na cidade de Guarulhos-SP, foi fundada a Confederação Brasileira de Trampolim e Esportes Acrobáticos – (CBTEA). A partir desta data, a CBTEA passou a gerir o Trampolim nacionalmente, substituindo a ABRATA na representação do Brasil junto à FIT.

Figura 12: Logotipo da CBTEA.



FONTE: Anuário da CBTEA (1998).

Os anos de 1997 e 1998 marcaram o período quando o Trampolim atingiu seu ápice no Brasil, com maior investimento em cursos e participações internacionais de ginastas e técnicos estrangeiros, fruto, na sua maioria, de investimentos pessoais. De acordo com o Anuário da CBTEA de 1998, eram mais de 600 ginastas competindo nas competições nacionais, sendo que atualmente, segundo a CBG, a média de participantes de Campeonatos Brasileiros caiu para 150 – 200 atletas. Nas imagens a seguir, nota-se a grande quantidade de clubes participantes nos campeonatos brasileiros da época.

Figura 13: Quadro de Medalhas referente ao Campeonato Brasileiro de 1997.

Quadro de Medalhas																									
N	NOME DAS ENTIDADES	TRAMPOLIM			DUPLO MINI			TUMBLING			TRAMPOLIM SINCRONIZADO			MINI-TRAMP			TOTAL MEDALHAS			TOTAL TROFÉUS					
	MEDALHAS	O	P	B	O	P	B	O	P	B	O	P	B	O	P	B	O	P	B	O	P	B			
1	Colégio Militar do RJ	5	5	1	6	5	1	1	1	1	7	3	2	2	4	2	21	18	07	8	1				
2	Colégio Brasília / SP		2	4			2				2		1		1		02	03	07			04			
3	F.I. Moacyr Bastos / RJ	1	1				1					1		1	2		01	02	03						
4	C. Gislaíne Palaro / MT			1	1	1	1	1	1	1			1				03		03			1			
5	Equipe Sdalto 3 / RJ	1				1	1				2						01	03	02			2			
6	Colégio Salesiano / RJ			1	1	1	1	1	1					2		2	02		05			1			
7	Academia Arantes / RJ				2			1						2			05					1			
8	E.G. Prof. Angra dos Reis / RJ			1					1	2								01	03						
9	C. Juvenal de Campos / SP							1	2							1	01	02	01	1					
10	Univ. Gama Filho / RJ	1	1								1	1					02	02			1	1			
11	Univ. Federal Viçosa / MG						1		1	2				1	1		01	03			1	1			
12	N. Tatiana Figueiredo / RJ						1		1					1	1		01	02	01		2	1			
13	Ginástica La Salle / RJ													1	1	1	01	02	01						
14	Escola Mário César / RJ			1									1	2			01	03				1			
15	Colégio Dimensão / PE	1				1									1		01	02							
16	Itac. Edm. Ftx. do Uliceto / RJ							1							1	1	01	01	01						
17	C. Santo Agostinho / MG							1							1	1	01	01	01						
18	Col. Guilherme de Almeida / SP							2									02				1				
19	Ac. Giro Livre / MS					1		1									01	01							
20	C. Atlético Paulistano / SP		1												1		01	01				1			
21	Ac. Aerodinâmica / RJ	1																	01						
22	I.N.S. Medianeira / RJ				1	1													01	01					
23	C.R. Vasco da Gama / RJ									1									01						
24	FUNCESP / MS										1										01				
25	E.G. Prefeitura de Pirai / RJ									1										01					
26	Col. Dom Bosco / MS									1										01					
27	SESI / Goiânia / GO									1															
28	Col. Cândido Mendes / RJ													1			01								
29	Col. Verbo Divino / RJ					1													01						

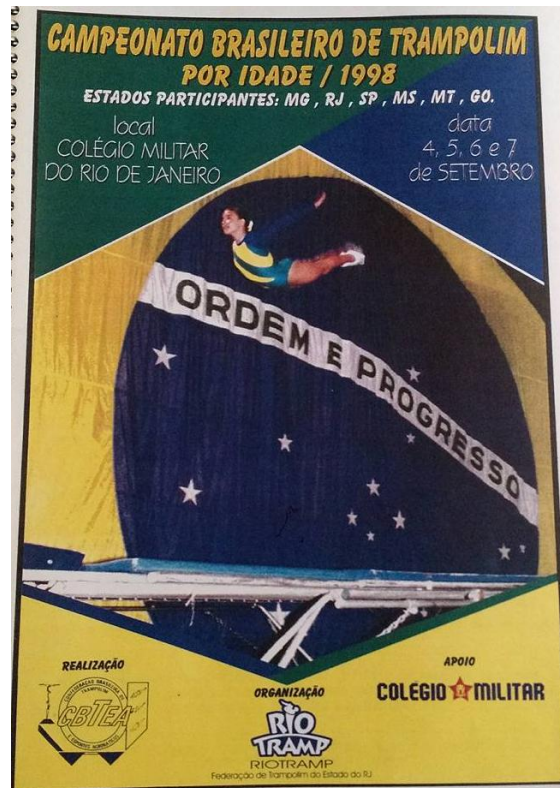
FONTE: "Trampolim"- CBTEA- 1ª edição 1997 – acervo da FEF-UNICAMP doado por Sergio Bastos

Figura 14: Cartaz de divulgação do Campeonato Brasileiro de 1997.



FONTE: Acervo da FEF-UNICAMP doado pelo Prof. Sergio Bastos.

Figura 15: Cartaz de divulgação do Campeonato Brasileiro por Idades de 1998



FONTE: Acervo pessoal de Sergio Bastos

4.2. MUDANÇA NA ORGANIZAÇÃO FEDERATIVA

Durante um congresso no Campeonato Mundial realizado em 1998 na cidade de Sidney – Austrália, a proposta de fusão do Trampolim como mais uma disciplina olímpica da FIG foi aceita, sendo necessária adequação às novas regras. Neste congresso, cinco membros da FIT foram eleitos e selecionados para fazer parte da comissão técnica de Trampolim da FIG, que seria composta por mais dois membros da FIG, totalizando sete membros. O conhecimento sobre o Trampolim por parte da FIG ainda era muito pequeno. Por este motivo e para uma melhor administração e organização de eventos como os campeonatos mundiais da modalidade, a comissão foi composta, em sua maioria, por membros da até então FIT, incluindo seu presidente.

Segundo os especialistas entrevistados, a expectativa inicial dos brasileiros era de que a fusão seria extremamente positiva. Pelo fato do Trampolim

tornar-se um esporte Olímpico já seria um ganho enorme em termos de visibilidade do esporte no meio da ginástica, frente à Ginástica Artística e Rítmica que sempre monopolizaram este meio. Ao retornarem ao Brasil após o Campeonato Mundial da Austrália, os brasileiros representantes da CBTEA fizeram a mesma proposta para a (CBG), formar um comitê técnico composto por cinco membros da CBTEA e dois membros da CBG. Porém, a CBG mostrou-se inflexível e não aceitou a proposta, indicando representantes que nunca tiveram contato e não entendiam nada sobre o Trampolim. Em 1999 foi oficializada a inclusão do Trampolim na CBG, passando a ser a entidade responsável pelas modalidades do Trampolim no Brasil. Logo, em 2000, é criado o comitê técnico de Trampolim na CBG.

Essa situação é considerada pelos envolvidos como um grande impacto negativo para o Trampolim no Brasil, devido, entre outros motivos, à condução equivocada da modalidade por parte da CBG, que não deu continuidade ao trabalho desenvolvido até então. De acordo com os sujeitos entrevistados, a CBG não tinha conhecimento da modalidade e começou a ter uma ideia equivocada de que a administração do Trampolim deveria ocorrer da mesma maneira que acreditavam ser com a Ginástica Artística. Porém, são modalidades muito distintas e que necessitavam ser trabalhadas e desenvolvidas de acordo com suas necessidades e particularidades. O Sujeito 3, representante da categoria Árbitros, fala em sua entrevista sobre o engessamento e falta de possibilidades causadas pela incorporação à CBG, como veremos no trecho abaixo.

Enquanto nós éramos autônomos, nós realmente tínhamos mais autonomia e liberdade e desenvolvíamos muito mais a modalidade do que hoje ela é desenvolvida. (Sujeito 3).

A partir desse momento, uma vez que se torna um esporte olímpico, a Ginástica de Trampolim adquiriu uma visibilidade distinta, nem melhor nem pior, mas distinta, com foco no alto rendimento.

Apesar da dificuldade no trato com a CBG, o lado positivo da fusão está concentrado no cumprimento de calendários internacionais, aumentando a participação de atletas da seleção brasileira em campeonatos mundiais e etapas de copa do mundo, quando comparado à época da CBTEA. Outro ponto positivo destacado é a aquisição de equipamentos oficiais homologados pela FIG, porém não há manutenção adequada das

molhas e telas, por exemplo. Ou seja, há um progresso acontecendo, mas muito pouco e lento frente às necessidades de um esporte de alto rendimento, onde o progresso deveria ser constante e contínuo.

Na CBTA, não tínhamos nenhum apoio financeiro do governo, tudo era financiado pelos próprios atletas, então era uma iniciativa privada, entendeu? Já com CBG chegando, começou a haver um patrocínio, a CBG paga para os atletas irem e ainda dá uma ajuda de custo para os atletas e isso não havia antes. Nós íamos para muitos campeonatos, o último campeonato que nós fomos como CBTEA foi em 98 e fomos com 80 atletas no age group e na elite tínhamos 20 e poucos, algo assim. E tinha o caso também que íamos com 26 treinadores, porque tínhamos uma norma de que se você tinha um atleta na competição, o atleta tinha que ir com seu treinador, não podia ser outro, se o treinador não fosse, o atleta também não iria, porque era uma maneira de incentivar os treinadores, porque se você quer que o esporte se desenvolva, você precisa trabalhar o treinador, porque atleta você tem em todo lugar. (Sujeito 1)

A atuação das federações estaduais e da CBG em relação ao investimento da base, formação e realização de cursos tem sido muito escassa. Durante muitos anos, a delegação brasileira foi prejudicada em campeonatos mundiais por só terem dois árbitros internacionais, Carlos Werneck e Marcos Antônio de Oliveira. Logo, foram realizados cursos nacionais de arbitragem, mas ainda há um déficit muito grande de árbitros qualificados e experientes para atuarem no cenário nacional, como trataremos mais adiante neste trabalho. Segundo os especialistas entrevistados, a CBG não organiza nenhum curso nacional de arbitragem de Trampolim porque espera que as federações estaduais peçam e realizem os cursos. Porém, as federações tem se mostrado fracas e carentes de organização.

É notável que o Trampolim ainda não atingiu o mesmo patamar em aspectos como investimento, patrocínio, grandes resultados e visibilidade quando comparado às outras modalidades gímnicas olímpicas, a Ginástica Artística e a Ginástica Rítmica, que monopolizam esse meio e tem uma oferta de cursos promovidos pela CBG bem maior que o Trampolim. Sendo assim, surge mais um questionamento em relação ao trato da CBG frente ao Trampolim e outras modalidades.

Atualmente, a federação que está mais bem estruturada e organizada é a de Minas Gerais. Lamentavelmente, federações como a do RJ, por exemplo, não tem

realizado nem competições estaduais. Portanto, se as federações estão fracas e não tem condições de fazer, cabe à entidade máxima de ginástica do país, a CBG, assumir esse lugar e suprir essa necessidade. Com mais cursos, haveria mais árbitros nacionais, proporcionando competições mais rápidas e organizadas. Cursos de reciclagem também são estratégias eficazes para que os árbitros não fiquem muito tempo sem estar em contato com a modalidade, proporcionando treino e experiência para melhor julgarem a Ginástica de Trampolim durante as competições. Internacionalmente faz-se necessária a qualificação dos árbitros para que consigam categorias melhores dentro da FIG, visando uma melhor e efetiva representatividade de árbitros brasileiros em competições internacionais.

Desde que a CBG assumiu a Ginástica de Trampolim, houve apenas um curso oficial de técnica ministrado por Luis Nunes, de Portugal, realizado no Rio de Janeiro em 2010. Houve também envios esporádicos de técnicos para realizar cursos FIG Academy, porém essas informações e conhecimento não são repassados para os demais técnicos brasileiros. Muitos migraram da Ginástica Artística para o Trampolim, o que pode prejudicar a formação e aprendizagem técnica de atletas, sendo assim, é de extrema importância a realização de cursos para qualificar e incentivar os técnicos. O desenvolvimento de uma modalidade está diretamente relacionado ao apoio à formação de técnicos qualificados que atuarão no esporte, mas infelizmente a realidade do Trampolim é diferente.

Se você vê um atleta saltando bem ou mal, a culpa é do técnico. Se você sabe que o atleta é bom, o técnico é bom. Se você olha para o atleta e vê que o cara é ruim, você sabe que o técnico também é ruim. Para você subir no trampolim, você tem que ter alguém embaixo com o colchão para segurar você, para te dar as orientações necessárias para você saltar bem, e se você não tem isso durante o treinamento, não será durante a competição que você vai ter. E na competição fica muito claro, reflete toda essa situação.” (Sujeito 2).

Reflexo dessa situação é o atual e baixo nível técnico dos atletas em campeonatos brasileiros. Quando o Trampolim passou a fazer parte da CBG, houve uma considerável rotatividade de diretores representantes da modalidade e, segundo os entrevistados, parte dos que assumiram esse cargo não tinham uma visão democrática e integral necessárias para administrar o Trampolim de maneira coerente. A utilização de um regulamento com apenas dois elementos obrigatórios nas séries obrigatórias é um

exemplo dessa má condução do Trampolim, empobrecendo e enterrando o nível técnico em campeonatos brasileiros. Essa situação melhora a partir do momento em que as séries obrigatórias deixam de ter apenas alguns poucos elementos obrigatórios e passam a ser completas, ou seja, com dez elementos obrigatórios numa sequência pré-estabelecida.

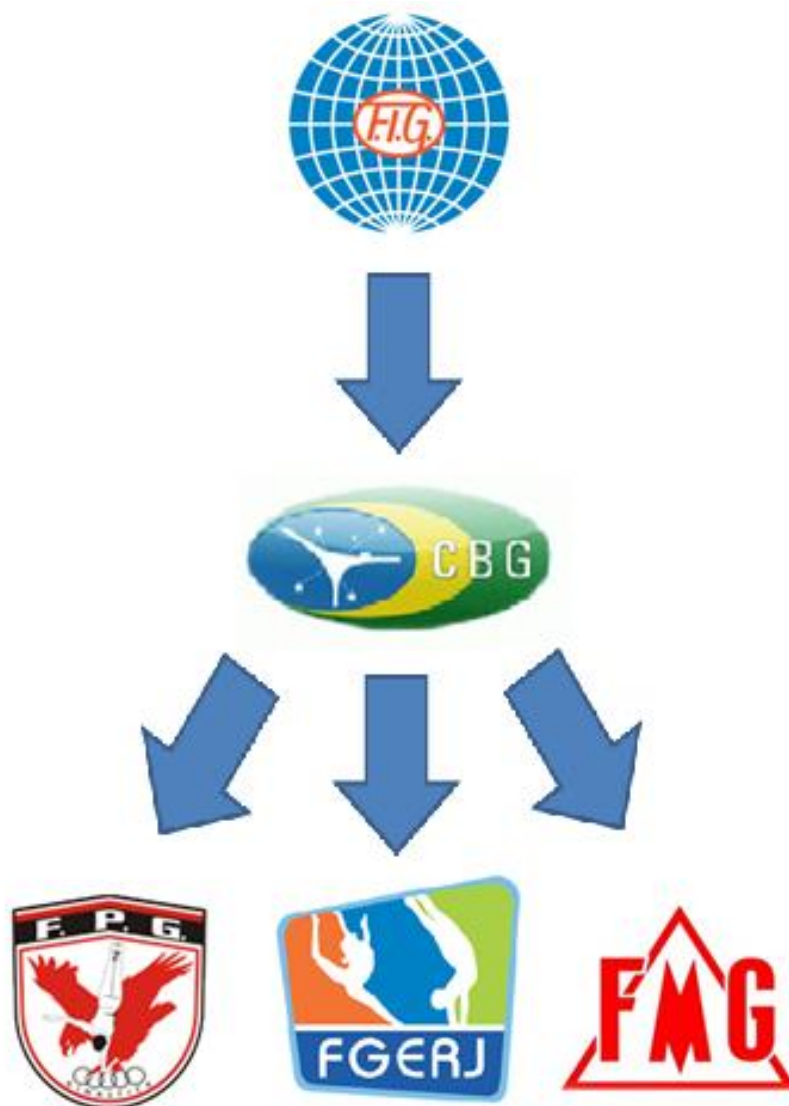


Figura 16: Organograma composto pelo logo das federações: Federação Internacional de Ginástica (FIG), Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), Federação Paulista de Ginástica (FPG), Federação de Ginástica do Estado do Rio de Janeiro (FGERJ) e Federação Mineira de Ginástica (FMG).

5. AS COMPETIÇÕES DE TRAMPOLIM

O primeiro Campeonato Nacional dos EUA foi realizado em 1948. Em 1955, o Trampolim teve sua primeira aparição nos Jogos Panamericanos e, finalmente, caminhou para a Europa através do pioneiro suíço da modalidade, Kurt Barchler. Outro grande pioneiro que promoveu o Trampolim é Ted Blake, da Grã-Bretanha.

5.1. PROVAS COMPETITIVAS DE TRAMPOLIM E SEUS EQUIPAMENTOS

Fazem parte da Ginástica de Trampolim três distintos aparelhos: Trampolim, Duplo-mini trampolim e Tumbling. No entanto, em competições oficiais, compõe-se um total de quatro provas distintas e independentes: Trampolim Individual, Trampolim Sincronizado, Duplo-mini trampolim e Tumbling. Os melhores ginastas normalmente se especializam em duas das quatro provas: Trampolinistas individuais geralmente competem também no sincronizado, enquanto alguns saltadores do Duplo-mini também competem na prova de Tumbling em nível mundial. Porém, não é muito incomum vermos alguns ginastas competindo tanto no Duplo-mini quanto nas provas de Trampolim individual e sincronizado. A prática de todas as provas se mostra mais presente em categorias de base.

Além desses aparelhos já citados acima, o mini-trampolim, apesar de não fazer parte de competições oficiais da Ginástica de Trampolim, é considerado parte da modalidade, além de ser muito utilizado no treinamento, principalmente na iniciação, já que apresenta proporções menores e preços mais acessíveis quando comparado aos outros aparelhos.

Figura 17: Mini-trampolim.



FONTE: www.eurotramp.com (acesso em 31/05/16)

5.1.1. Trampolim

O primeiro trampolim, como já dito no início deste trabalho, foi criado por George Nissen em 1936. A foto a seguir, que obteve grande repercussão na época, mostra George e um canguru saltando juntos no trampolim, e a imagem acabou sendo utilizada como divulgação de sua empresa.

Figura 18: George Nissen saltando com um Canguru em meados da década de 1950.



FONTE: http://www.brentwoodtc.org/george_nissen.htm (acesso em 02/06/16)

Os primeiros trampolins fabricados tinham suas molas à mostra e uma tela feita com um material que se assemelhava à lona e não permitia grande passagem de ar, proporcionando menos segurança e impulsão aos saltadores, como notamos na figura a seguir.

Figura 19: Ginasta prestes a saltar no Trampolim na cidade de Iowa, nos Estados Unidos por volta dos anos 1960.



FONTE: www.trampolinewa.info (acesso em 03/06/16)

Além disso, apesar do nível dos exercícios realizados em cima do trampolim na época ser relativamente mais simples e menos complexos, não havia nenhum tipo de proteção nas extremidades, deixando a integridade dos praticantes comprometida.

Figura 20: Apresentação de Trampolim na cidade de Iowa – Estados Unidos, na década de 1960.



FONTE: <http://originaljumpshot.com/history/> (acesso em 04/06/16)

Com o intuito de melhorar a qualidade dos equipamentos, assim como aumentar o desempenho dos saltadores, algumas medidas foram sendo tomadas e

ajustadas com o passar do tempo. A tela, por exemplo, deixa de ser uma lona e é substituída por uma tela de fitas de *nylon* entrelaçadas, possibilitando que os saltadores alcançassem maiores alturas.

Figura 21: Funcionária da Nissen Trampoline Company, nos EUA, demonstrando a confecção da

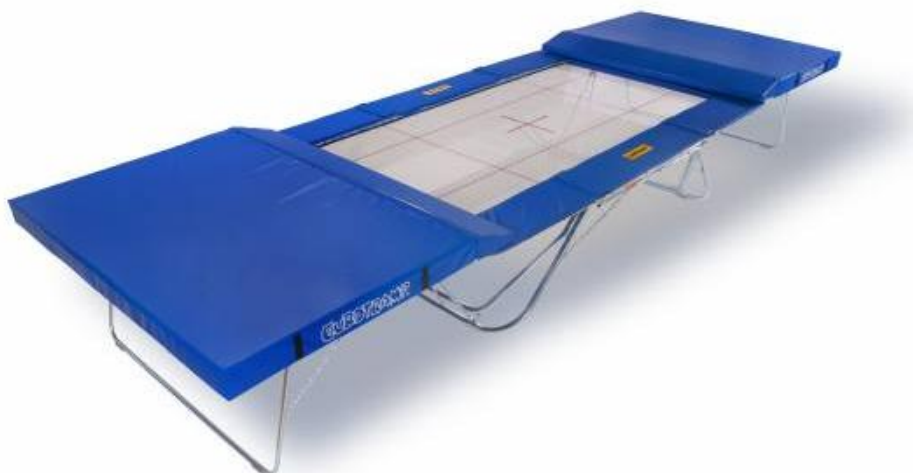


FONTE: <http://trampolinehistory.blogspot.com.br> (acesso em 04/06/16)

A partir de então e da análise das fotos acima, questões relacionadas à segurança dos praticantes passaram a ser pensadas e colocadas em prática. Logo, os trampolins passam a ser fabricados com uma proteção de espuma relativamente densa sobre as molas. Assim como a presença obrigatória em competições de colchões nas extremidades e na mesma altura que o trampolim, funcionando como uma “extensão” de segurança do aparelho, algo bem próximo ao que temos hoje.

Algumas mudanças ainda ocorreram, tais como a diminuição da largura das fitas da tela, aumento da espessura e densidade das proteções, entre outras. Mudanças que vem para corresponder com a evolução do esporte, do nível dos atletas e, é claro, com a segurança.

Figura 22: O mais moderno trampolim acompanhado de um par de colchões extensores.



FONTE: www.eurotramp.com (acesso em 07/06/16)

Sendo a única prova olímpica da modalidade, o Trampolim Individual enche os olhos de quem o vê, seja pela incrível altura alcançada pelos ginastas, que podem chegar até oito metros de altura, ou pela complexidade de incontáveis mortais e piruetas que compõe as séries. Desafiando a gravidade e com extrema precisão, os atletas devem realizar séries que se caracterizam como uma sequência de dez elementos consecutivos e ininterruptos com ritmo contínuo com elementos de pé para pé, pé para costas, frontal ou sentado, sem hesitações e sem saltos verticais intermediários, compostas por uma variedade de saltos com rotação para frente e para trás, com ou sem piruetas.

Atualmente o Trampolim é um aparelho retangular de estrutura metálica composto por rede e molas, acompanhado de colchões de segurança nas extremidades. Suas dimensões são: 520cm x 305cm, ficando a 115cm do solo e pesa 250kg. Em uma competição de Trampolim individual e também nos Jogos Olímpicos, existem três fatores principais que compõe a nota do ginasta, como veremos a seguir:

- Execução: cinco árbitros avaliam subjetivamente a forma como o ginasta executa os elementos da série, ou seja, a nota de execução é obtida de acordo com a técnica, forma, controle aéreo e consistência e manutenção de altura apresentados pelo ginasta. A dedução pode ser de 0,0 a 0,5 pontos de cada elemento, a qual inclui: posição dos braços e pernas, posições do corpo, perda de altura, abertura dos mortais e

deslocamento horizontal (*Code of Points* 2013/2016, p.7). As notas dos cinco árbitros são calculadas e a maior e a menor nota são descartadas, sendo assim, a nota de execução será a soma das três notas restantes.

- Dificuldade: Dois árbitros são responsáveis para calcular objetivamente a nota de dificuldade da série do ginasta. Cada elemento tem um valor específico e varia de acordo com a quantidade de mortais, piruetas e posição em que é realizado. Essa nota será precisamente proporcional ao que o ginasta apresentou em sua série, lembrando que os elementos devem ser diferentes uns dos outros. Por exemplo: dois duplos mortais à frente com meia pirueta, chamados de “*half out*”, podem ser realizados na mesma série, na condição de serem executados em formas diferentes, um na posição grupada (joelhos e quadril flexionados) e outro na posição carpada (joelhos estendidos e quadril flexionado), por exemplo, a fim de evitar uma penalidade por repetição, que, nesse caso, a nota de dificuldade deste elemento repetido não seria contabilizada na nota final. É tarefa dos árbitros de dificuldade determinar se houve ou não repetição de elementos.

- Time of Flight (Tempo de voo): Presente em competições desde 2011 e estreando nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, o *Time of Flight (ToF)* é utilizado para calcular eletronicamente quanto tempo os ginastas ficam no ar, excluindo o tempo gasto em contato com a rede do trampolim, e esse cálculo é somado a nota final da série. A introdução dessa nova nota obriga os ginastas a executarem séries com mais consistência e altura.

Figura 23: Aparelho eletrônico que calcula o ToF.



FONTE: <http://www.fig-gymnastics.com>(acesso em 07/06/16)

Logo, as notas de execução, dificuldade e *ToF* são somadas, resultando a nota final da série.

Na qualificação em campeonatos mundiais, todos os competidores do Trampolim Individual executam um total de três séries, duas na primeira rodada e mais uma na segunda. A primeira série, chamada de “obrigatória”, deve ser composta por oito elementos que são avaliados apenas na execução e os outros dois elementos, que devem ser identificados previamente, são avaliados por execução e dificuldade, não podendo ser repetidos na série “livre”.

A segunda série é completamente livre, em que cada elemento será avaliado por sua execução e valor de dificuldade. A composição da série livre é extremamente mais complexa e desafiadora do que a obrigatória, que se caracteriza como uma série mais simples e, geralmente, com menos erros que a livre.

Os 24 melhores ginastas da primeira rodada de qualificação, sendo o máximo três ginastas por país, se classificam para a segunda rodada da qualificação, uma espécie de “semifinal” onde os ginastas realizam somente a série livre.

Dessa maneira, os oito melhores ginastas das qualificatórias se classificam para as finais, sendo no máximo dois por país, devendo realizar novamente a série livre.

5.1.1.1 Exemplos de séries e sua evolução

A título de exemplo do desenvolvimento e evolução desse esporte, analisamos três séries livres de três ginastas que conquistaram o título de Campeões Mundiais em épocas distintas. A primeira série analisada foi realizada pelo primeiro Campeão Mundial de Trampolim, Dan Millman, dos Estados Unidos, no Campeonato Mundial de Londres em 1964, como já dito anteriormente. A segunda série é do ano de 1986, quando o francês Lionel Pioline consagrou-se Campeão Mundial em uma competição “em casa”. Já a terceira série é do atual chinês Campeão Mundial, Gao Lei, que obteve o título em 2015 durante a competição realizada na Dinamarca.

As séries estão disponíveis no YouTube e optamos por analisar somente a mudança ocorrida na nota de dificuldade, por tratar-se de uma nota objetiva e não subjetiva, além de possibilitar uma melhor clareza em relação à evolução dos elementos que compõe as séries. Para tal, utilizamos o Código de Pontos de Ginástica de Trampolim da FIG (ciclo 2013-2016) para calcular o valor de cada elemento e da série

como um todo, incluindo as séries de 1964 e 1986, que seguiam regras e códigos de pontos específicos das respectivas épocas.

Em relação à nomenclatura, os termos *in* e *out* referem-se a um elemento com no mínimo dois mortais, ou seja, um “duplo mortal”, em que *in* corresponde ao movimento realizado durante o primeiro mortal do elemento, e *out* ao último. Quanto à quantidade de piruetas - giros no eixo longitudinal- realizadas em cada mortal, o termo *Half* (meio ou metade, em inglês) denota a realização de meia pirueta, ou seja, um giro de 180°, *Full* (inteiro ou cheio, em inglês) refere-se à um giro completo de 360° e *Rudi* – nome do ginasta que realizou o movimento pela primeira vez- refere-se ao mortal com 540° de pirueta. Por exemplo, o elemento *Half in Rudi out* é um duplo mortal com meia pirueta (180°) no primeiro mortal e uma pirueta e meia (540°) no segundo. O termo *Triffis* corresponde a um triplo mortal.

Durante a realização de cada exercício, o corpo deve assumir uma posição referente a uma de três posições básicas possíveis. A posição grupada caracteriza-se quando há flexão do quadril simultaneamente à flexão dos joelhos, e é representada pela terminologia “o”, já que a posição assemelha-se à uma bola. Já na posição carpada, os joelhos devem permanecer estendidos e há flexão de quadril, aproximando as pernas ao tronco e é representada como “<”. Na posição estendida, como o próprio nome sugere, o corpo deve manter-se alinhado e estendido, sendo representada pelo símbolo “/”. As distintas posições permitem que um elemento seja realizado mais de uma vez na mesma série, desde que em posições diferentes, além de comporem o valor de dificuldade de cada elemento.

Quadro 2 – Série de Dan Millman no Mundial de Londres em 1964.

ELEMENTO	POSIÇÃO	DIFICULDADE
Half out	<	1,3
Double Full	/	0,9
Back	O	0,5
Double Back	O	1,0
Rudi	/	0,8
Double Back	O	1,0
Back	O	0,5
Double Back	O	1,0

¾ Back	<	0,3
Double Cody	O	1,2
	TOTAL	8,5

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LLRhH7XK0FQ> (acesso em 09/06/16)

Mesmo que Dan Millman tenha repetido o elemento “Double back” (duplo mortal para trás) na posição grupada quatro vezes e o elemento “back” (mortal para trás) também na posição grupada duas vezes, consideramos o valor de dificuldade de todos os saltos, totalizando o valor 8,5. Porém, vale lembrar que atualmente as séries devem ser compostas por dez elementos distintos uns dos outros.

Quadro 3 – Série de Lionel Pioline no Mundial da França em 1986.

ELEMENTO	POSIÇÃO	DIFICULDADE
Full in Half out	/	1,5
Half out	<	1,3
Full in Full out	O	1,4
Rudi out	<	1,5
Half in Rudi out	<	1,6
Rudi out	O	1,3
Half in Half out	<	1,4
Full in Half out	<	1,5
Half in Rudi out	O	1,4
Full in Rudi out	O	1,5
	TOTAL	14,4

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=24ASqwOvxv0> (acesso em 09/06/16)

Após duas décadas da realização do primeiro Campeonato Mundial, já podemos observar uma série muito mais difícil e complexa quando comparada à realizada pelo norte-americano em 1964. A série campeã do francês em 1986, que totalizou o valor 14,4 na dificuldade, era composta em sua totalidade por duplos mortais, realizados em diferentes posições e combinado com piruetas.

Quadro 4 – Série de Gao Lei no Mundial da Dinamarca em 2015

ELEMENTO	POSIÇÃO	DIFICULDADE
Rudi out Triffis	<	2,2
Half in Half out Triffis	<	2,1
Half out Triffis	<	2,0
Half in Half out Triffis	O	1,8
Rudi out Triffis	O	1,9
Full in Half out	/	1,5
Half out Triffis	O	1,7
Half in Rudi out	<	1,7
Full in Rudi out	/	1,7
Miller	/	1,9
	TOTAL	18,4

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hpJyOXJKjHw> (acesso em 10/06/16)

Somando um total de 18,4 na dificuldade, 9,9 pontos a mais do que a série do norte-americano e 4,0 pontos a mais do que a do francês, o chinês Gao Lei é o atual campeão mundial e um dos favoritos para os Jogos Olímpicos Rio 2016. Com uma série composta por 60% de triplos mortais (*Triffis*) e os outros 40% de complexos duplos mortais com piruetas, fica nítido como a modalidade evoluiu nos últimos 50 anos, passando de séries compostas de simples mortais a extraordinárias séries de triplos e duplos mortais. Assistindo aos vídeos, é evidente como outros aspectos também evoluíram com o passar dos anos, como a melhor execução dos saltos e maiores altitudes alcançadas pelos ginastas.

5.1.2 Trampolim Sincronizado

Na prova de Trampolim Sincronizado (TS), dois ginastas do mesmo gênero e categoria devem realizar a mesma série simultaneamente, em dois trampolins dispostos paralelamente. Não existe a necessidade dos ginastas realizarem as piruetas para o mesmo lado, no entanto, devem começar a série na mesma direção. Um ginasta só pode competir em um par de sincronizado.

Assim como no Trampolim Individual, no sincronizado ambos os ginastas são avaliados individualmente pela execução, além da nota de dificuldade, que será a mesma para a dupla, já que realizarão a mesma série. No entanto, além dos critérios de avaliação já mencionados acima, na prova de Trampolim Sincronizado há uma nota extra, a de sincronismo, dada pela máquina de *ToF*.

Do mesmo modo como ocorre a obtenção da nota de execução, no sincronismo cada elemento realizado pela dupla é avaliado separadamente, podendo haver uma dedução de, no máximo, 0,5 pontos em cada um. Caso os ginastas executem elementos diferentes um do outro durante a prova, será considerado interrupção de série, não valendo mais nada do erro em diante.

As competições de TS, de acordo com o Código de Pontos de Ginástica de Trampolim da FIG (ciclo 2013-2016), consistirão de uma fase Qualificatória e Final, assim como nas provas de Trampolim Individual.

Figura 24: Dupla norte-americana em ação na prova de trampolim sincronizado.



FONTE: <https://usagym.org/images> (acesso em 10/06/16)

5.1.3 Tumbling

Segundo a Federação Norte Americana de Ginástica, o Tumbling está presente em competições nacionais dos Estados Unidos que datam 1886. No entanto, a

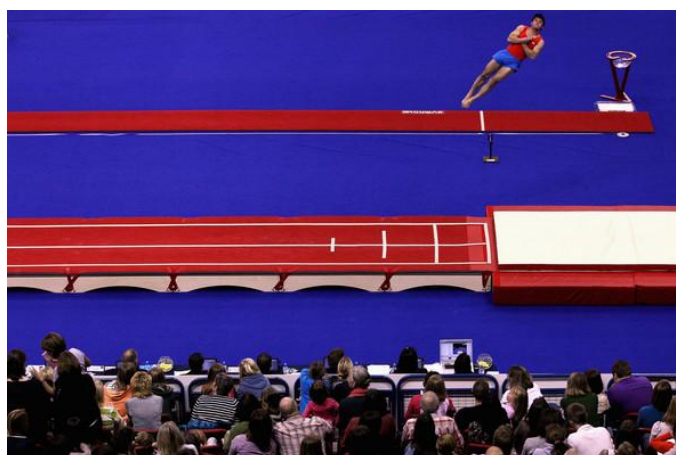
primeira aparição em Campeonatos Mundiais foi em 1965. Uma série de variadas superfícies já foram utilizadas no Tumbling, incluindo colchonetes e pista com molas.

Atualmente, o Tumbling é uma pista com 25 metros de comprimento e dois metros de largura, composta por fibras de vidro, característica criada por Randy Malkey. A pista é capaz de impulsionar o ginasta de 2,5 a 3 metros de altura com uma velocidade aproximada de 25 km/h (WOODWARD et al, 1992).

O Tumbling é caracterizado por uma velocidade contínua, com elementos técnicos rotacionais de pés para pés e mãos para pés, sem hesitações ou passos intermediários. A série de Tumbling deve ser planejada para demonstrar uma sequência composta por oito elementos que devem ser realizados com um bom controle, postura, técnica e execução com um ritmo constante (Code of Points 2013/2016, página 19). A nota final de cada série se dará pela soma das notas de execução e dificuldade.

Em Campeonatos Mundiais podem competir nessa prova até quatro ginastas por país, além da competição por equipes. Na fase classificatória, cada ginasta deve realizar duas séries livres e diferentes. Os oito melhores ginastas se classificam para as finais do individual, enquanto na competição por equipes, cinco países se classificam. Na final individual, o ginasta realizará duas séries livres novamente e sua pontuação final se dará pela soma das duas notas. Na final por equipes, constituída por três ginastas de cada país, os ginastas realizarão somente uma série livre e a nota final da equipe será a soma das três notas obtidas.

Figura 25: Ginasta realizando o último elemento de sua passada no tumbling, durante o Mundial de 2011 em Birmingham, na Inglaterra.



FONTE: www.zimbio.com/pictures (acesso em 10/06/16)

5.1.4 Duplo-Mini Trampolim

A estreia deste aparelho em competições oficiais aconteceu nos EUA em 1976. O primeiro Duplo-Mini Trampolim (DMT) começou como dois minitrampolins individuais, separados por uma pequena mesa coberta por um colchonete. Logo, o aparelho como um só, duplamente nivelado, foi desenvolvido por Bob Bollinger e é usado atualmente como o equipamento oficial para esta prova. Suas dimensões atualmente são de 285cm x 92 cm.

O ginasta, após correr em uma pista de 20 metros de comprimento, salta sobre o Duplo-Mini e executa um salto - “*mount*” ou “*spotter*” -, seguido imediatamente por outro elemento - “*dismount*” - que irá finalizar sobre o colchão de aterrissagem, sendo assim, existem dois tipos de série. Na primeira, conhecida como a série de *mount*, o atleta realiza um elemento acrobático da primeira parte inclinada (*mount*) para a parte plana e um segundo elemento desta parte plana para o colchão (*dismount*). A segunda, conhecida como a série de *spotter*, o atleta realiza um salto estendido, que não será avaliado, da parte inclinada para a parte plana, com o objetivo de ganhar altura, realizando um elemento nesta área plana e aterrissando na mesma (*spotter*), seguido imediatamente de outro elemento para o colchão (*dismount*). Os elementos realizados no DMT são similares aos realizados no Trampolim, exceto pelo fato de que aqui deve haver deslocamento ao longo do aparelho.

Nesta prova, os ginastas devem apresentar uma variedade de saltos de pé para pé, com rotações para frente e para trás, com ou sem piruetas. Assim como nos outros aparelhos, nesta prova as séries devem mostrar um bom controle, execução, altura e manutenção de altura. A soma das notas de execução e dificuldade compõe a nota final de cada série.

A competição de DMT acontece no mesmo formato que a de Tumbling. Na competição individual, a qualificatória e final inclui duas passadas livres e diferentes uma da outra, com dois saltos cada uma. Na competição por equipes, cada ginasta só realizará uma série livre e a nota final da equipe será a soma das três melhores.

Figura 26: Duplo-Mini Trampolim



FONTE: <http://www.gymnova.com/upload/produits/5076-1.jpg> (acesso em 10/06/16)

5.2. AS COMPETIÇÕES NACIONAIS

O calendário de competições de nível nacional é composto por duas principais competições: O Campeonato Brasileiro por Idades e o Campeonato Brasileiro Júnior e Elite, organizados pela CBG. O formato dessas competições segue o padrão estabelecido pelo Código de Pontos de Ginástica de Trampolim da FIG, com as adaptações necessárias, entre outras coisas, para que as categorias de base também possam competir.

O Campeonato Brasileiro por Idades, que geralmente ocorre no primeiro semestre do ano, conta com as seguintes categorias:

Tabela 1 - Categorias do Campeonato Brasileiro por Idades

CATEGORIA	IDADE
Pré-infantil	9 a 10 anos
Infantil	11 a 12 anos
Infanto-Juvenil	13 a 14 anos
Juvenil	15 a 16 anos
Adulto	17 anos ou mais

FONTE: Regulamento técnico CBG (2016)

As seleções para os campeonatos sul americano e pan-americano são determinadas pelo Comitê Técnico e pela equipe de arbitragem durante este Campeonato, quando os ginastas serão avaliados durante as competições e treinamentos. Além disso, o Campeonato Brasileiro por Idades é classificatório para o Campeonato Mundial por Idades – *World Age Group Competition –WAGC* -, como veremos mais adiante.

Já o Campeonato Brasileiro Júnior e Elite, que geralmente ocorre no segundo semestre do ano, conta com as seguintes categorias:

Tabela 2- Categorias do Campeonato Brasileiro Júnior e Elite

CATEGORIA	IDADE
Júnior B	11 a 12 anos
Júnior	13 a 17 anos
Elite	17 anos ou mais

FONTE: Regulamento técnico CBG (2016)

Além dessas duas principais competições, que contam com a participação de atletas de alto rendimento, durante o Campeonato Brasileiro Júnior e Elite, ocorre também o Torneio Nacional, uma competição com caráter mais inclusivo e menos competitivo com o objetivo de incentivar a prática da modalidade entre os ginastas iniciantes. . É um evento com regras menos rígidas, sendo uma excelente forma de detectar novos talentos e promover a disseminação do esporte no âmbito nacional.

De acordo com o Regulamento Técnico da CBG, qualquer entidade filiada ou de alguma forma ligada às Federações Estaduais podem participar do Torneio Nacional e, nos estados em que não existe Federação, as entidades poderão efetuar suas inscrições diretamente com a CBG. No entanto, os ginastas que participarem dos Campeonatos Brasileiros não poderão competir nos Torneios realizados no mesmo ano.

O Torneio Nacional conta com as seguintes categorias:

Tabela 3 - Categorias do Torneio Nacional

CATEGORIA	IDADE
Pré-infantil	9 a 10 anos
Infantil	11 a 12 anos
Infanto-Juvenil	13 a 15 anos
Adulto	16 anos ou mais

FONTE: Regulamento técnico CBG (2016)

5.3. AS COMPETIÇÕES INTERNACIONAIS

As competições internacionais acontecem em diferentes níveis, sejam elas de caráter continental, como os Jogos Panamericanos, ou mundial, como os Jogos Olímpicos e os Jogos Mundiais. A seguir, trazemos as mais importantes competições do calendário internacional da Ginástica de Trampolim.

5.3.1. Jogos Panamericanos

Os Jogos Pan-Americanos caracterizam-se como um evento poliesportivo que ocorre em intervalos de quatro anos, envolvendo somente atletas da América do Norte, América do Sul e América Central. Organizado pela Organização Desportiva Pan-Americana – (ODEPA), os Jogos Pan-Americanos assemelham-se estruturalmente aos Jogos Olímpicos, abrangendo em suas competições esportes que fazem parte do Programa Olímpico, assim como modalidades que não estão presentes nas Olimpíadas.

Esse tipo de evento “regional” /continental mostra-se comum e presente ao redor do mundo, propiciando uma maior visibilidade a modalidades esportivas pouco conhecidas, como a Ginástica de Trampolim, além de conceder maiores oportunidades e experiência para uma parcela de atletas no circuito internacional de competições em alto nível, porém inferior à Campeonatos Mundiais ou Jogos Olímpicos.

Em Panamericanos, o esporte estreou na Cidade do México em 1955 como uma modalidade da Ginástica Artística. Mas após Chicago em 1959, o trampolim foi retirado

do programa. O retorno do Trampolim nos Jogos Panamericanos deveria ter ocorrido nos Jogos de Santo Domingo em 2003, porém, por falta de atletas, o retorno da modalidade foi prorrogado, e aconteceu apenas nos Jogos do Rio em 2007.

Figura 2: Logotipo dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007.



FONTE: http://logos.wikia.com/wiki/Rio_2007 (acesso em 11/06/16)

Tabela 4 - Medalhistas de Trampolim em Jogos Pan-Americanos

ANO	OURO	PRATA	BRONZE
TRAMPOLIM MASCULINO			
2015	Keegan Soehn, CAN	Steven Gluckstein, EUA	Angel Hernandez, COL
2011	Keegan Soehn, CAN	Rafael Andrade, BRA	Jose Vargas, MEX
2007	Chris Estrada, EUA	Jason Burnett, CAN	Ryan Weston, EUA
1959	<i>Ronald Munn, EUA</i>	<i>Harold Holmes, EUA</i>	<i>Abie Grossfeld, EUA</i>
1955	<i>Donald Harper, EUA</i>	<i>William Roy, EUA</i>	<i>E. Fereda, VEM</i>
TRAMPOLIM FEMININO			
2015	Rosannagh MacLennan, CAN	Dafne Navarro Loza, MEX	Karen Cockburn, CAN
2011	Rosannagh MacLennan, CAN	Dakota Earnest, EUA	Alaina Williams, EUA
2007	Karen Cockburn, CAN	Rosanna MacLennan, CAN	Giovanna Matheus, BRA

FONTE: https://usagym.org/pages/pressbox/history/panam_results_trampoline.html

(acesso em 11/06/16)

A partir da tabela acima, notamos que o Brasil possui duas medalhas em Jogos Pan-americanos. A primeira foi uma de bronze, conquistada por Giovanna Matheus no Pan do Rio em 2007, e uma de prata obtida por Rafael Andrade no Pan de Guadalajara em 2011. Pensando em uma classificação geral de todos os Jogos Pan-Americanos, o Brasil encontra-se em 3º lugar, empatado com o México, atrás somente das potências Estados Unidos e Canadá.

Figura 28: A ginasta brasileira Giovanna Matheus executando sua série que garantiu o 3º lugar durante o Pan do Rio de Janeiro em 2007.



FONTE: <http://im.r7.com>(acesso em 06/7/15)

5.3.2. Campeonatos Mundiais

O Campeonato Mundial é a competição mais importante da Ginástica de Trampolim e conta com as quatro provas/aparelhos da modalidade. Entre 1964 e 1998, esse campeonato estava sob responsabilidade da FIT, até que em 1999 passa a ser organizado pela FIG

Tabela 5 - Campeonatos Mundiais no período FIT:

ANO	LOCAL	Nº de Fed.	EVENTO	OBSERVAÇÕES
1964	London	GBR 12x	1st World Championships	<i>Primeiro evento FIT</i>
1965	London	GBR 12	2nd World Championships	
1966	Lafayette	USA 8	3rd World Championships	
1967	London	GBR 9	4th World Championships	
1968	Amersfoort	NED 9	5th World Championships	
1970	Bern	SUI 11	6th World Championships	
1972	Stuttgart	GER 11	7th World Championships	
1974	Johannesburg	RSA 11	8th World Championships	
1974	Moscow	RUS 8	1st IFSA World Championships	<i>Tumbling only</i>

1976	Tulsa	USA	11	9th World Championships	
1976	Saarbrücken	GER	9	2nd IFSA World Championships	<i>Tumbling only</i>
1978	Newcastle	GBR	10	10th World Championships	
1978	Sofia	BUL	-	3rd IFSA World Championships	<i>Tumbling only</i>
1980	Brig	SUI	15 + 2	11th World Championships	
1980	Poznań	POL	12	4th IFSA World Championships	<i>Tumbling only</i>
1982	Bozeman	USA	14	12th World Championships	
1982	London	GBR	8	5th World Championships	<i>Tumbling only</i>
1984	Osaka	JPN	18	13th World Championships	
1984	Sofia	BUL	11	6th IFSA World Championships	<i>Tumbling only</i>
1986	Paris	FRA	20	14th World Championships	
1986	Rennes	FRA	12	7th IFSA World Championships	<i>Tumbling only</i>
1988	Antwerp	BEL	16	8th IFSA World Championships	<i>Tumbling only</i>
1988	Birmingham	USA	22	15th World Championships	
1990	Essen	GER	23	16th World Championships	
1990	Augsburg	NZL	17	9th IFSA World Championships	<i>Tumbling only</i>
1992	Auckland	NZL	25	17th World Championships	
1992	Rennes	FRA	19	10th IFSA World Championships	<i>Tumbling only</i>
1994	Porto	POR	26	18th World Championships	
1994	Beijing	CHN	22	11th IFSA World Championships	<i>Tumbling only</i>
1995	Wrocław	POL	25	12th IFSA World Championships	<i>Tumbling only</i>
1996	Vancouver	CAN	30	19th World Championships	
1996	Riesa	GER	27	13th IFSA World Championships	<i>Tumbling only</i>
1997	Manchester	GBR	19	14th IFSA World Championships	<i>Tumbling only</i>
1998	Sydney	AUS	29	20th World Championships	<i>Último evento FIT</i>

FONTE: FIG (2016)

Durante esse período, como vemos na tabela acima, as competições de Tumbling eram organizadas pela *International Federation of Sports Acrobatics* – (IFSA), realizadas a parte das outras provas da Ginástica de Trampolim durante os *IFSA WORLD CHAMPIONSHIPS*. Tal fato é modificado a partir do momento em que a FIG assume a modalidade, como veremos na tabela a seguir.

Tabela 6 - Campeonatos mundiais no período FIG:

ANO	LOCAL	Nº de fed	Evento	OBSERVAÇÕES	
1999	Sun City	RSA	35	21st World Championships	Primeiro evento FIG
2001	Odense	DEN	35	22nd World Championships	
2003	Hannover	GER	41	23rd World Championships	
2005	Eindhoven	NED	37	24th World Championships	
2007	Quebec	CAN	31	25th World Championships	
2009	St. Petersburg	RUS	31	26th World Championships	
2010	Metz	FRA	32	27th World Championships	
2011	Birmingham	GBR	35	28th World Championships	
2013	Sofia	BUL	39	29th World Championships	
2014	Daytona Beach	USA	41	30th World Championships	
2015	Odense	DEN	40	31th World Championships	

FONTE: FIG (2016)

Em comparação ao período anterior, notamos um crescente aumento no número de países participantes dessa competição e, atualmente, o Campeonato Mundial é realizado anualmente com exceção dos anos em que ocorre a disputa dos Jogos Olímpicos. Nesse caso, o Campeonato Mundial que antecede a próxima edição das Olimpíadas tem caráter classificatório para tal competição.

Figura 29: Logotipo do 31º Campeonato mundial de Ginástica de Trampolim, realizado na Dinamarca em 2015 e classificatório para os Jogos Olímpicos Rio 2016.



FONTE: www.eurotramp.com (acesso em 11/06/16)

5.3.3. Campeonato Mundial por Idades (WAGC)

De acordo com a FIG, o Campeonato Mundial por Idades – *World Age Group Competition* – (WAGC) -, teve sua primeira edição em 1973 na cidade de Londres e em 2015 completou sua 24ª edição. Essa competição é realizada no mesmo local que o Mundial Elite, porém na semana seguinte do mesmo, e tem como objetivo viabilizar a promoção de todas as provas presentes na modalidade, procurando aumentar o número de praticantes a nível mundial e estimular os jovens ginastas no seu caminho como atletas de alto rendimento. Geralmente, no entanto, a maioria dos encargos financeiros ocorre por conta dos participantes, o que acaba impossibilitando a participação de muitos jovens atletas.

O Campeonato Brasileiro por idades tem caráter classificatório para o WAGC, logo, baseia-se no formato dessa competição, que conta com as todas as provas da modalidade nas categorias 11-12 anos, 13-14 anos, 15-16 anos e 17-18 anos. No Campeonato Brasileiro por Idades temos também a categoria pré-infantil (nove e 10 anos) e a categoria Adulta (a partir de 17 anos).

Os jovens ginastas brasileiros têm crescido bastante nesse cenário competitivo, chegando a diversas finais, conquistando boas colocações e medalhas, sendo grande parte no aparelho Duplo-Mini Trampolim.

Figura 30: Logotipo do Campeonato Mundial e WAGC, realizado na Bulgária em 2013.



FONTE: <http://bul.trampoline-bulgaria.com/wp/wp> (acesso em 10/06/16)

5.3.4. World Games

Os Jogos Mundiais (*World Games*, em inglês) designam-se como um grande evento multi esportivo, realizado a cada quatro anos, onde são disputadas modalidades esportivas que não fazem parte do Programa Olímpico. Esse evento é organizado pela Associação Internacional dos Jogos Mundiais (*International World Games Association*) – (IWGA)-, e também conta com o apoio do COI.

A primeira edição dos Jogos Mundiais ocorreu em 1981, em Santa Clara (EUA) e a prova de Trampolim Individual estava presente, sendo sua última aparição nessa competição em 1997, na Finlândia, para que pudesse estreiar no Programa Olímpico em 2000. As provas de Trampolim Sincronizado e Tumbling, que também tiveram sua estreia em 1981, continuam na competição até os dias atuais. No entanto, a prova de Duplo-Mini Trampolim estreou nos Jogos Mundiais realizados no Japão em 2001.

Na última edição dos Jogos, ocorridos em 2013 na cidade de Cali (COL), o Brasil subiu no lugar mais alto do pódio com a conquista do atleta Bruno Martini na prova de Duplo-Mini Trampolim. Bruno, como veremos mais adiante, já conquistou diversos títulos internacionais importantes para o país e para sua carreira como atleta.

Figura 31: Logotipo dos Jogos Mundiais de Cali.



FONTE: <http://www.arcieripine.it/> (acesso em 10/06/16)

5.3.5. Jogos Olímpicos

As camas elásticas se popularizaram pelo mundo na década de 1950, tanto que a prática da ginástica de trampolim só não fez parte das Olimpíadas de 1980, em Moscou, por conta de uma tragédia ocorrida à época, quando uma ginasta sofreu uma queda e ficou tetraplégica. A influência negativa do acidente e o medo de que algo parecido pudesse afetar a imagem das Olimpíadas fez com que o Comitê Olímpico Internacional (COI) adiasse durante anos a admissão da modalidade no programa olímpico.

Finalmente, após a fusão da FIT para a FIG, a Ginástica de Trampolim se torna uma modalidade Olímpica com o Trampolim Individual nos Jogos de Sydney em 2000, com 24 ginastas divididos nas categorias masculina e feminina. A partir dos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, esse número aumentou para 36, quantidade que se mantém até a atualidade.

Figura 32: Ginasta competindo na estreia da Ginástica de Trampolim em Jogos Olímpicos.



FONTE: www.momsteam.com (acesso em 06/7/15)

Em 2016, durante as Olimpíadas no Rio de Janeiro, o país será representado pela primeira vez na modalidade. Por ser o país sede dos Jogos, o Brasil tem uma vaga garantida, que pertence ao atleta que obteve a melhor classificação no Mundial de 2015, na Dinamarca. Portanto, a estreia da modalidade contará com a participação do ginasta goiano Rafael Andrade, que superou os favoritos a vaga, Carlos Ramirez Pala e Camilla Gomes.

Rafael somou 102,325 pontos em suas duas séries (uma rotina com elementos obrigatórios e outra livre) e ficou na 36ª posição. Camilla Gomes, melhor brasileira nos Jogos Pan-Americanos de Toronto, chegou a estar mais bem posicionada do que o ginasta goiano, mas a carioca foi ultrapassada por muitas adversárias no final e acabou na 43ª posição, com 94,400 pontos. Carlos Ramirez Pala foi melhor que Rafael na série obrigatória, mas cometeu um erro no quarto salto da série livre e teve de encerrar sua prova, somando 64,880 pontos e acabando na 107ª posição. Luiz Arruda Júnior foi o 72º

colocado, com 93,920 pontos. Ingrid Maior foi a 48ª, com 92,400 pontos, e Daienne Lima foi a 76ª, com 51,510 pontos.

Figura 33: Rafael Andrade ao lado de sua treinadora, Tatiana Figueiredo³



FONTE: <http://www.cbginastica.com.br/sgc/imagem> (acesso em 10/06/16)

Não obstante, o nível dos atletas brasileiros encontra-se inferior quando comparado ao nível de atletas de países com tradição no esporte. A tabela a seguir nos mostra os medalhistas do Trampolim em ambas categorias, Masculino e Feminino, em todos os Jogos Olímpicos que a modalidade fez-se presente, de 2000 até 2012.

Quadro 5: Medalhistas em Jogos Olímpicos

Jogos Olímpicos de 2000 (Sydney, Austrália)	
Masculino	Feminino
1. Alexandre Moskalenko (RUS)	1. Irina Karavaeva (RUS)
2. Ji Wallace (AUS)	2. Oxana Tsyhuleva (UCR)
3. Mathieu Turgeon (CAN)	3. Karen Cockburn (CAN)

³ Tatiana Figueiredo, atual técnica da seleção brasileira de Trampolim, abriu várias portas na ginástica artística brasileira: ela foi a única representante da América Latina nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, terminando em 27º lugar. Além de ter sido uma das primeiras ginastas do país a participar das Olimpíadas, Tatiana traz no currículo participações em campeonatos mundiais, Panamericanos e várias competições internacionais. A atleta retirou-se das competições em 1988, dando lugar à técnica: há quase 30 anos ela comanda um Núcleo de Ginástica Olímpica que leva seu nome, especializado em Ginástica de Trampolim.

Jogos Olímpicos de 2004 (Atenas, Grécia)	
Masculino 1. Yuri Nikitin (UCR) 2. Alexander Moskalenko (RUS) 3. Henrik Stehlik (GER)	Feminino 1. Anna Dogonadze (ALE) 2. Karen Cockburn (CAN) 3. Huang Shanshan (CHN)
Jogos Olímpicos de 2008 (Pequim, China)	
Masculino 1. Lu Chunlong (CHN) 2. Jason Burnett (CAN) 3. Dong Dong (CHN)	Feminino 1. He Wenna (CHN) 2. Karen Cockburn (CAN) 3. Ekaterina Khilko (UZB)
Jogos Olímpicos de 2012 (Londres, Inglaterra)	
Masculino 1. Dong Dong (CHN) 2. Dmitry Ushakov (RUS) 3. Lu Chunlong (CHN)	Feminino 1. Rosannagh MacLennan (CAN) 2. Huang Shanshan (CHN) 3. He Wenna (CHN)

FONTE: https://usagym.org/pages/pressbox/history/olympics_results_trampoline.html

(acesso em 11/06/16)

Em quatro edições dos Jogos, somente sete países subiram ao pódio nas competições de Trampolim, com grande destaque à China, que ampliou sua participação quando o esporte se tornou Olímpico e já conquistou oito medalhas, seguido de Canadá e Rússia, com seis e quatro medalhas olímpicas, respectivamente.

6. ÁRBITROS BRASILEIROS NO CENÁRIO INTERNACIONAL

De acordo com as Regras Gerais dos Juízes da FIG (2013-2016), há quatro categorias de árbitros FIG - Categorias IV, III, II e I - para todas as disciplinas, porém, aqui trataremos somente questões referentes à GTR. Sendo a categoria IV a mais baixa e a categoria I a mais alta, suas várias funções variam e, a princípio, são definidas como:

- Categoria IV: são novos árbitros internacionais com pouca ou nenhuma experiência internacional ou árbitros que não chegaram a um padrão mais elevado no exame. Eles não são utilizados como árbitros em grandes competições.
- Categoria III: são definidos como árbitros experientes, com bons resultados referentes à nota de execução. Eles são designados para julgar execução em grandes competições.
- Categoria II: são árbitros experientes com resultados muito bons em relação à avaliação de dificuldade. Eles são designados para julgar dificuldade, bem como a execução.
- Categoria I: Nessa categoria, os árbitros são muito experientes com excelência em dificuldade e atuam como membros do Júri Superior, Presidente do Painel de Árbitros e dificuldade, além de também serem designados para julgar Execução. Eles também podem atuar como árbitros de referência.

Para o ciclo olímpico 2013-2016, conforme disponível no site da FIG, contamos com nove árbitros no Trampolim, 18 no Duplo-Mini Trampolim e sete árbitros na prova de Tumbling, conforme as tabelas abaixo.

Tabela 7 - Árbitros brasileiros da prova Trampolim, reconhecidos pela FIG

PROVA	SOBRENOME	NOME	NAC	GÊNERO	CATEGORIA
TRA	BERNADELI	Marielia Gabriela	BRA	F	4
TRA	CARDOSO PINTO	Thiago Henrique	BRA	M	4

TRA	CHAIB	Tomas	BRA	M	4
TRA	DE OLIVEIRA	Marcos Antonio	BRA	M	4
TRA	FONTOURA	Fabricio Farias Da	BRA	M	3
TRA	MOURTHE	Klayler	BRA	M	3
TRA	NEVES	Marcelo	BRA	M	4
TRA	OTSUKA	Marcos	BRA	M	4
TRA	RANGEL	Rodolfo	BRA	M	4

FONTE: FIG (2016)

Tabela 8 - Árbitros brasileiros da prova de Duplo-Mini Trampolim, reconhecidos pela FIG

PROVA	SOBRENOME	NOME	NAC	GÊNERO	CATEGORIA
DMT	ACCARDO	Mariana	BRA	F	2
DMT	ARAUJO	Marina	BRA	F	3
DMT	BERNADELI	Marielia Gabriela	BRA	F	4
DMT	CARDOSO PINTO	Thiago Henrique	BRA	M	4
DMT	CARRARA	Paulo	BRA	M	3
DMT	CHAIB	Tomas	BRA	M	4
DMT	COLOMBO	Edmara	BRA	F	2
DMT	CRUZ	Diego	BRA	M	4
DMT	DE OLIVEIRA	Marcos Antonio	BRA	M	2
DMT	FONTOURA	Fabricio Farias Da	BRA	M	3
DMT	MAIOR	Eliane	BRA	F	4
DMT	MOURTHE	Klayler	BRA	M	3
DMT	NEVES	Marcelo	BRA	M	4
DMT	OTSUKA	Marcos	BRA	M	4

DMT	RANGEL	Rodolfo	BRA	M	4
DMT	SALGADO	Larissa	BRA	F	4
DMT	SOUZA RODRIGUES	Rafael	BRA	M	3
DMT	VALLANDRO BARBO	Consuelo	BRA	F	4

FONTE: FIG (2016)

Tabela 9 - Árbitros brasileiros da prova de Tumbling, reconhecidos pela FIG

PROVA	SOBRENOME	NOME	NAC	GÊNERO	CATEGORIA
TUM	ACCARDO	Mariana	BRA	F	4
TUM	ARAUJO	Marina	BRA	F	4
TUM	BERNADELI	Marielia Gabriela	BRA	F	4
TUM	CARRARA	Paulo	BRA	M	4
TUM	CHAIB	Tomas	BRA	M	4
TUM	FONTOURA	Fabricio Farias Da	BRA	M	3
TUM	VALLANDRO BARBO	Consuelo	BRA	F	4

FONTE: FIG (2016)

A partir desses dados, notamos que há somente dois árbitros da categoria III para a prova de Trampolim, cinco árbitros da categoria III e três da categoria II na prova de Duplo-Mini Trampolim e somente um árbitro da categoria III na prova de Tumbling, sendo o restante da categoria IV. Logo, torna-se mais evidente que o Brasil ainda carece de árbitros experientes em nível internacional, um reflexo direto da pouca oferta de ações formativas e práticas em âmbito nacional.

Merecem destaque os árbitros de categoria internacional na prova de trampolim Fabricio Fontoura e Klayler Mourthe, que obtiveram as maiores notas no exame. No passado, de acordo com os sujeitos entrevistados, contamos com a brilhante atuação de Marília Bernardeli e Carlos Werneck. Já o único árbitro brasileiro convocado para duas Olimpíadas consecutivas, 2000 em Sydney e 2004 em Atenas, foi Marcos Antonio de Oliveira.

7. OS PRINCIPAIS GINASTAS BRASILEIROS E SEUS RESULTADOS

Em 2005 a CBG formou uma seleção permanente de Trampolim, composta por pelos oito melhores ginastas do país, quatro do masculino e quatro do feminino. Essa seleção treinou durante três anos em Curitiba e tinham todas suas despesas pagas. Pelo lado positivo, o nível desses ginastas aumentou consideravelmente, porém, ao acabarem com essa seleção, muitos desses ginastas não receberam mais nenhum tipo de subsídio e abandonaram de vez o esporte.

Atualmente, alguns atletas da seleção estão treinando fora do país, fato que se deve ao grande déficit de técnicos que possuam uma formação adequada capazes de levar o atleta ao alto rendimento, além de outros fatores como a falta de locais de treino que apresentem uma infraestrutura necessária. Logo, um atleta que almeja seguir carreira, tem que buscar recursos fora do país para conseguir atingir o alto rendimento e níveis técnicos maiores.

De acordo com os sujeitos entrevistados e relacionando o passado e o presente, podemos destacar alguns nomes de atletas que representaram ou ainda representam nacionalmente e internacionalmente o Brasil na Ginástica de Trampolim como um todo. Pensando historicamente, Rodrigo Rodrigues, conhecido no meio como “Feijão”, e Rodolfo Rangel são exemplos de ex-ginastas que contribuíram para a evolução da modalidade. Rodolfo obteve grandes e expressivos resultados internacionais, como o 2º lugar no campeonato mundial no aparelho Trampolim em 1994 e seu resultado mais importante conquistado em 1998 na Austrália, quando se sagrou campeão mundial no aparelho duplo-minitramp. Anna Paula Milazzo foi destacada pelos sujeitos por ter sido uma atleta de ponta que obteve grandes resultados ainda na FIT, porém, após sofrer um acidente, teve que abandonar o esporte.

Figura 34: Rodolfo Rangel campeão mundial em 1998.



FONTE: <http://trampbrasil.blogspot.com.br> (acesso em 07/7/15)

Rafael Andrade e Giovanna Matheus, atuais ginastas da seleção brasileira, já obtiveram bons resultados internacionais, incluindo medalhas em campeonatos Panamericanos, como já mencionado anteriormente. Daienne Cardoso e Camilla Lopes são destacadas por sua qualidade técnica e, atualmente, são consideradas como promessas brasileiras no Trampolim.

Bruno Martini, um dos principais nomes da modalidade, conquistou o título de campeão mundial no aparelho DMT na Inglaterra em 2011 e também o inédito e histórico 2º lugar por equipes na mesma competição, além do título de campeão nos Jogos Mundiais em 2013, como dito anteriormente. Bruno também elevou muito o conceito da disciplina de tumbling no cenário nacional e mundial.

Figura 35: Equipe Brasileira Vice-campeã Mundial no aparelho Duplo-Mini Trampolim em Birmingham – Inglaterra em 2011, com destaque para Bruno Martini (canto esquerdo da foto) que se sagrou Campeão Mundial Individual no aparelho durante a mesma competição.



FONTE: www.fig-gymnastics.com (acesso em 07/7/15)

Sendo 15 vezes campeão brasileiro e primeiro reserva olímpico para os Jogos de Pequim em 2008, o principal nome destacado pelos sujeitos é o de Carlos Ramirez Pala, mais conhecido como Ramirez, atleta da seleção brasileira desde 2002.

No entanto, nos últimos anos, por falta de incentivo e resultados expressivos, a Ginástica de Trampolim tem ficado cada vez mais no terceiro plano da CBG e do COB. Segundo os entrevistados, o COB só tem olhos para aquilo que já possui grandes resultados e projeção, desmotivando os envolvidos na modalidade, além de dificultar seu crescimento e desenvolvimento. Exemplo disso é que os principais nomes da GTR continuam sendo os mesmos, ou seja, faltam atletas na base e não está havendo renovação suficiente, reduzindo o número de atletas participantes na modalidade.

A CBG realiza somente duas competições da GTR ao longo do ano: Campeonato Brasileiro por Idades e o Campeonato Elite/Junior. No cenário

internacional, as principais competições da modalidade são: Panamericano, Etapas de Copa do Mundo e o Campeonato Mundial, evento classificatório e seletivo para os Jogos Olímpicos. As altas taxas cobradas nas competições nacionais têm contribuído para a diminuição do número de atletas participantes. A Federação Mineira, por exemplo, vem desenvolvendo um excelente trabalho de base, além de terem taxas baixas na federação. Por esses e outros motivos, o Trampolim de Minas Gerais tem se fortalecido cada vez mais no cenário nacional e internacional, tornando-se um expoente na modalidade e um berço de novos talentos. Atualmente, a maior parte das equipes e clubes está concentrada nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Figura 36: Carlos Ramirez Pala, Camilla Gomes e Rafael Andrade na Copa do Mundo da Suíça, em 2016



FONTE: www.cbginastica.com.br (acesso em 28/06/16)

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trampolim tem ganhado força, reconhecimento e popularidade na esfera informal, comercial e recreativa. As possibilidades são inúmeras e não há como negar, a diversão é garantida. Pular, saltar, sentir o corpo no ar desafiando a gravidade é algo desafiador, intrigante e estimulante para todos, não só para as crianças, mesmo que diversos tipos de trampolim estejam fortemente inseridos na cultura infantil. Seja a cama elástica redonda no quintal e na festa infantil ou até mesmo os inusitados *bungees trampoline*, presente em parques de diversão e estabelecimentos comerciais, como nos Shoppings Center, e nos permite alcançar, com o auxílio de uma cadeirinha com elásticos, elevadas alturas de maneira sutil e segura. Os *bungees*, por exemplo, além de possuírem um caráter recreativo, também são utilizados no treinamento de acrobacias mais elaboradas.

Figura 37: *Bungee Trampoline.*



FONTE: www.skibowl.com (acesso em 12/06/16)

Já bastante disseminados em países da América do Norte e Europa, os parques de trampolins chegaram ao Brasil recentemente. O surgimento de parques desse segmento sugere um crescente aumento da popularização e utilização desses equipamentos de superfícies elásticas com fins meramente recreativos.

Figura 38: Parque de Trampolins “Jump Mania”, na cidade de Ribeirão Preto/SP.



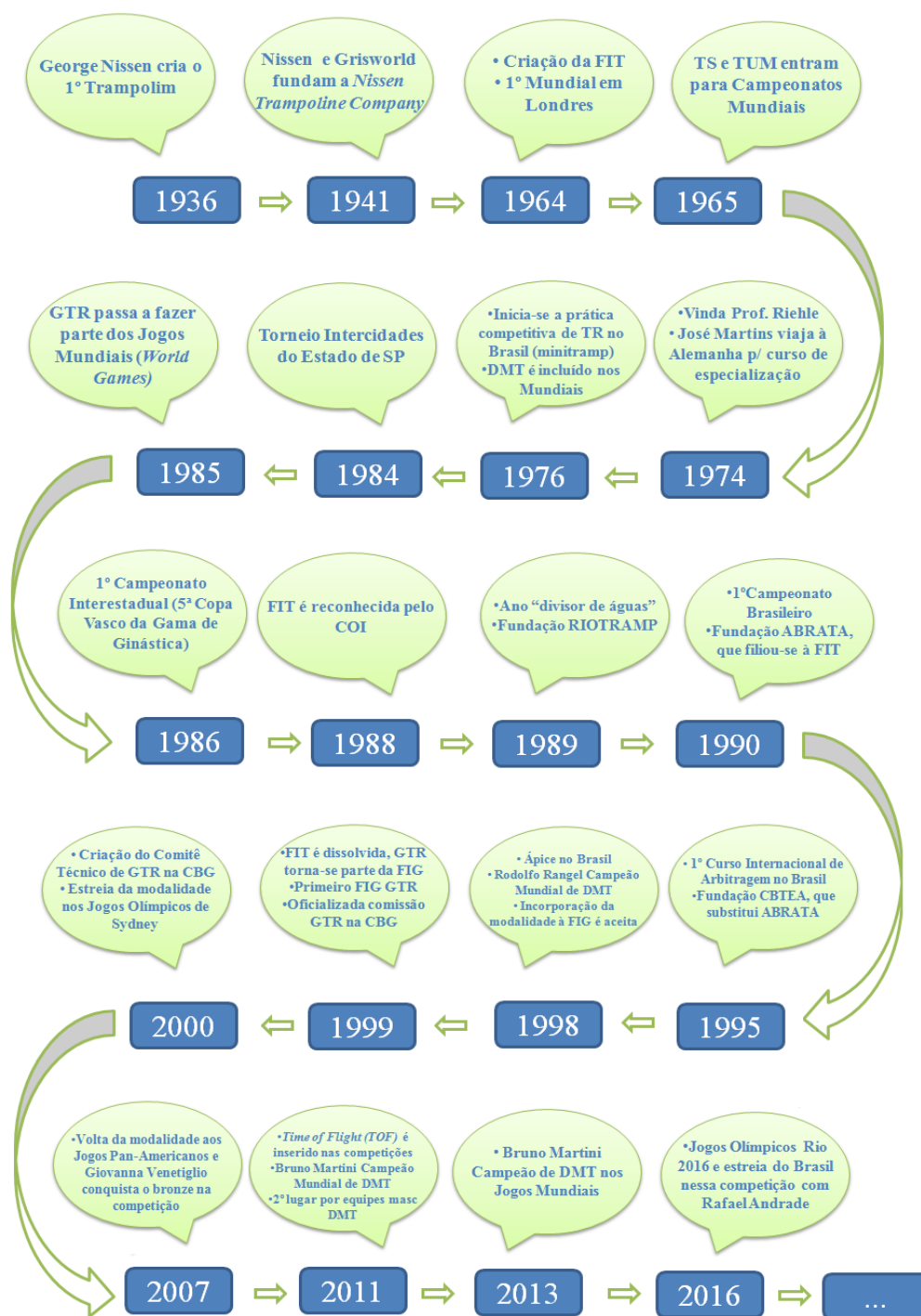
FONTE: <http://www.varaldiverso.com.br/upload/images/jum-mania2.jpg> (acesso em 12/06/16)

Embora o brincar e a popularização do material sejam fatores positivos, na outra mão temos a problemática de uma modalidade esportiva pouco desenvolvida e trabalhada no país, sendo um dos principais assuntos trabalhados nessa pesquisa. A falta de produção científica acerca do trampolim, tanto em um olhar técnico e pedagógico, quanto em uma abordagem história e institucional, é real e foi uma das principais dificuldades enfrentadas durante a realização deste trabalho.

A partir de revisões bibliográficas e documentais, assim como a realização de entrevistas com sujeitos especialistas, obtivemos um embasamento teórico necessário para o desenvolvimento da pesquisa e podemos destacar uma trajetória de altos e baixos para a Ginástica de Trampolim no Brasil. A modalidade ainda carece de organização e investimento, mostrando-se imatura quando comparada às outras modalidades ginásticas praticadas no país.

Durante minha formação como atleta e como futuro profissional, pude viver os dois lados da moeda. O primeiro refere-se à precária infraestrutura disponível para o desenvolvimento de um treinamento rígido e voltado para a competição que foi minha realidade durante muitos anos e acredito que seja apenas um reflexo de como o trampolim e também outras ginásticas são tratadas e desenvolvidas em nosso país. O outro lado da moeda foi quando tive a oportunidade de realizar um intercâmbio na Dinamarca. Surreal. Um ginásio completíssimo com aparelhos de ponta e em vasta quantidade. Não é a toa que lá “brinca-se” de ginástica assim como no Brasil “brinca-se” de futebol.

Figura 39: Linha do tempo com a trajetória da Ginástica de Trampolim no Brasil.



FONTE: Autoria própria

Enquanto a GTR tinha como entidade máxima responsável a FIT, a modalidade cresceu de maneira exponencial em nosso país, graças ao esforço e dedicação de entusiastas apaixonados pelo esporte. No entanto, ao ser integrada à FIG e

consequentemente à CBG, o desenvolvimento da GTR no Brasil estagnou-se ou, de certa forma, desacelerou. Ao tornar-se modalidade Olímpica, o Trampolim adquiri uma nem positiva, nem negativa, mas distinta. Segundo os sujeitos entrevistados, que consideram a atenção dada ao Trampolim extremamente escassa, a CBG não deu continuidade ao trabalho que estava sendo desenvolvido pela CBTEA. Os pontos positivos dessa fusão são apontados como melhoria dos materiais de competição e para treinamento da seleção e maior participação em eventos internacionais.

O estudo aponta que a falta de ações formativas é um dos principais fatores que freiam o desenvolvimento da modalidade. A realização de cursos para técnicos e árbitros é extremamente baixa e não atende a demanda que a modalidade necessita. A falta de árbitros internacionais em melhores categorias de atuação é um exemplo disso. Outro ponto tratado é que o alto nível do Trampolim brasileiro está concentrado em poucos clubes, principalmente da região sudeste, e aparentemente nada, ou muito pouco, tem sido feito pela CBG e pelas federações estaduais para mudar esse cenário.

Os bons resultados em competição continentais, especialmente na prova de Duplo-Mini Trampolim em nível mundial não refletem a real situação do esporte em nosso país, que ainda carece de uma política nacional e do suporte necessário para seu pleno desenvolvimento.

Para que a Ginástica de Trampolim volte a se desenvolver de maneira exponencial e sustentável, é necessário haver, além de investimento e divulgação, a criação de um espaço para formação e informação a respeito da modalidade, englobando todos, desde simpatizantes a professores de Educação Física. Através desse espaço, a modalidade poderia alcançar e se ramificar em diversas vertentes que deveriam relacionar-se, como a pedagogia, o treinamento, a arbitragem e a área acadêmica. Somente com maior envolvimento das federações estaduais e maior atenção da CBG é que poderemos ter melhor desenvolvimento da modalidade.

Esperamos que esse trabalho possa atingir tanto aqueles que já conhecem e trabalham com a modalidade quanto os que ainda não tiveram a oportunidade de conhecê-la. Dessa maneira, almejamos contribuir para a fomentação da Ginástica de Trampolim no âmbito nacional.

REFERÊNCIAS

ALVES, C.M. **CA contribuição do trampolim acrobático para o treinamento dos exercícios de solo na ginástica artística.** Universidade Metodista de Piracicaba (1994)

ANICETO, M.F. **–Treinando a Equipa de Ginástica de Trampolins da APAGL – Análise da Época de 2011/2012** – Faculdade de Desporto, Universidade do Porto – Porto, Portugal (2012)

BROCHADO, Fernando Augusto. BROCHADO, Monica Maria Viviani. **Fundamentos de Ginástica Artística e de Trampolins.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DA CUNHA POL, Doralice Orrigo et al. Trampolim acrobático: um pouco de história e de competição. **Lecturas: Educación física y deportes**, n. 98, p. 38, 2006.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG) - 2013-2016 – **Code of Points – Trampoline Gymnastics.** Disponível em: [https://www.fig-gymnastics.com/publicdir/rules/files/tra/TRA-CoP%202013-2016%20\(English\).pdf](https://www.fig-gymnastics.com/publicdir/rules/files/tra/TRA-CoP%202013-2016%20(English).pdf) (acesso em 09/04/14)

FIG assigns 2014 Trampoline Worlds to Daytona Beach, USA. Disponível em: <http://www.fedintgym.com/site/node/10>. (acesso em 05/02/2014)

FLICK, UWE. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** Vol. 2. Porto Alegre: Bookman, 2004.

Ginástica de Trampolim. Disponível em: http://www.ginasticas.com.br/ginasticas/gin_trampolim_historico.html (acesso em 20/03/2014)

Godoy, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.** *Revista de administração de empresas.* 35.3(1995):20-29.

História do Trampolim. Disponível em: <http://www.ahistoria.com.br/do-trampolim-ginastica/> (acesso em 15/02/2014)

Lente Esportiva: Trampolim. Disponível em: <http://www.lentesportivawebmanha.xpg.com.br/trampolim.html> (acesso em 15/02/2014)

TRIVIÑOS, Augusto NS, Vicente Molina NETO, and Juana Maira SANCHO GIL. "**A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas.**" *Porto Alegre: URGs* (1999).

OLIVEIRA, M.S. & BORTOLETO, M.A.C. - **A ginástica artística masculina brasileira no panorama mundial competitivo (1987-2008).** In: Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP (2009)

WALKER, Rob. **The history of trampolining.** Information booklet, 2000.

ANEXO I

Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA DA UNICAMP -
CAMPUS CAMPINAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: GINÁSTICA DE TRAMPOLIM NO BRASIL: HISTÓRIA, DESENVOLVIMENTO E DESAFIOS

Pesquisador: Marco Antonio Coelho Bortoleto

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 41656015.8.0000.5404

Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física

Patrocinador Principal: MINISTERIO DA CIENCIA, TECNOLOGIA E INOVACAO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 989.213

Data da Relatoria: 16/03/2015

Apresentação do Projeto:

A Ginástica de Trampolim no Brasil já obteve bons resultados internacionais, porém ainda aparece como um esporte imaturo no país, carente de organização e desenvolvimento. No Brasil, a modalidade tem seu desenvolvimento inicial através do professor José Martins na década de 1970, após a realização de um curso de especialização na Alemanha. No entanto, foi apenas em 1990 que aconteceu a primeira participação brasileira em campeonatos mundiais. Apesar de atletas brasileiros como Rodolfo Rangel e Bruno Martini terem se consagrado como campeões mundiais na modalidade, quando falamos em Ginástica de Trampolim no Brasil observamos que se trata de uma modalidade ainda pouco conhecida num estágio incipiente de desenvolvimento e organização.

Objetivo da Pesquisa:

Este projeto pretende analisar de modo sistemático o desenvolvimento da modalidade no Brasil, analisando aspectos como organização institucional, resultados competitivos no âmbito nacional e internacional, cenário competitivo na atualidade, além da análise das dificuldades que ainda persistem para um bom desenvolvimento da modalidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O projeto não apresenta riscos aos entrevistados, pois as mesmas entrevistas serão feitas em seus

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br

**COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA DA UNICAMP -
CAMPUS CAMPINAS**



Continuação do Parecer: 909.213

locais de trabalho, no Rio de Janeiro. O benefício está em oferecer maiores e melhores dados na realidade de hoje sobre esta modalidade de esporte.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto de pesquisa apresentado como requisito para seleção no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UNICAMP (PIBIC) 2014-2015 - sob responsabilidade da Faculdade de Educação Física/Unicamp. Este trabalho utilizará uma abordagem qualitativa baseada em revisões bibliográficas e documentais. Serão

levantadas informações através da consulta de documentos de diversas mídias de domínio científico, englobando teses, dissertações, TCCs, artigos e livros que possuam um vínculo com este projeto e com a Ginástica de Trampolim. Ademais, ocorrerá o levantamento de documentos que não sofreram nenhum tratamento científico, que inclui desde diversas categorias de impressos, manuscritos, registros audiovisuais e sonoros, até documentos mais específicos que estão diretamente relacionados com a Ginástica de Trampolim, como códigos de pontuação e resultados de competições. Para enriquecer os resultados deste estudo, serão realizadas ainda entrevistas semi-estruturadas, com uma lista de perguntas previamente preparadas, mas que não são objetivas e dão vazão a desdobramentos, até mesmo para perguntas não previstas. Serão 05 pessoas entrevistadas: 03 profissionais técnicos e 02 esportistas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O pesquisador apresentou todos os documentos exigidos pela legislação: folha de rosto completa / projeto protocolado na plataforma brasil / cronograma de execução / financiamento pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Pesquisador atendeu os pedidos de acerto do TCLE à normas próprias.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

- O sujeito de pesquisa deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado.

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8938 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br

Página 02 de 04

COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA DA UNICAMP -
CAMPUS CAMPINAS



Continuação do Parecer: 009.213

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado.
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Se o pesquisador considerar a descontinuação do estudo, esta deve ser justificada e somente ser realizada após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou. O pesquisador deve aguardar o parecer do CEP quanto à descontinuação, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de uma estratégia diagnóstica ou terapêutica oferecida a um dos grupos da pesquisa, isto é, somente em caso de necessidade de ação imediata com intuito de proteger os participantes.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial.
- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo.

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8938 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br

Página 23 de 34

COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA DA UNICAMP -
CAMPUS CAMPINAS



Continuação do Parecer: 909.213

CAMPINAS, 18 de Março de 2015

Assinado por:
Renata Maria dos Santos Celeghini
(Coordenador)

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8935 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br

Página 04 de 04

ANEXO II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado

Página 1 de 4

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Educação Física

Departamento de Educação Física e Humanidades

FEF

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

GINÁSTICA DE TRAMPOLIM NO BRASIL: HISTÓRIA, DESENVOLVIMENTO E DESAFIOS.

Pesquisador: Murilo Guarnieri Roveri

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto

Número do CAAE: 41656015.8.0000.5404

JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Embora atletas brasileiros de diferentes modalidades da ginástica de trampolim, tais como Rodolfo Rangel e Bruno Martini, tenham obtido importantes resultados internacionais, observamos que se trata de uma modalidade ainda pouco conhecida tanto para a sociedade em geral como para os pesquisadores da área, com escassa quantidade de trabalhos acadêmicos sobre o referido fenômeno.

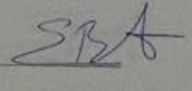
Nesse contexto, esse projeto de pesquisa objetiva analisar de modo sistemático o desenvolvimento dessa modalidade no Brasil, visando contribuir para um melhor desenvolvimento no âmbito nacional, tanto no âmbito da gestão federativa, como de clubes e profissionais especializados.

Para isso, analisaremos aspectos da organização institucional da modalidade, resultados competitivos no âmbito nacional e internacional obtido por ginastas brasileiros, o formato e a realização de competições no Brasil, bem como do financiamento, patrocínio específicos da modalidade.

PROCEDIMENTOS

Todos os voluntários participantes nessa pesquisa serão consultados por meio de uma entrevista em profundidade, cujo áudio será gravado por meio digital (gravador de voz formato MP3) e transcrita posteriormente. As entrevistas serão realizadas pelo pesquisador em local definido em comum acordo com cada um

Rubrica do pesquisador: 

Rubrica do participante: 

dos voluntários, visando facilitar a participação dos mesmos.

Não serão realizadas filmagens ou fotografias.

O pesquisador apresentará o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ao sujeito no momento anterior à entrevista e o mesmo deverá ser assinado em duas vias, com rubrica nas páginas iniciais, pelo entrevistado e pesquisador. Cada entrevistado receberá uma cópia do TCLE.

DESCONFORTOS E RISCOS

Para ser um voluntário dessa pesquisa o sujeito deve atender aos seguintes critérios: ter comprovada mais de 15 anos de experiência no âmbito da ginástica de trampolim, seja como treinador, ginasta ou árbitro. A seleção dos sujeitos levou em consideração ainda, a atuação dos mesmos em Comitês Técnicos, em equipes nacionais, bem como em eventos internacionais. Não podem fazer parte dessa pesquisa sujeitos que não atenderem aos critérios acima mencionados.

Não há riscos previsíveis quando a integridade física dos sujeitos, decorrentes da participação nessa pesquisa.

Os voluntários poderão recusar-se a participar dessa pesquisa em qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer penalidade ou cause prejuízo ao seu tratamento, nem represálias de qualquer natureza.

A qualquer momento os entrevistados poderão dirigir-se aos pesquisadores para esclarecimento de dúvidas acerca da realização da pesquisa. Da mesma forma, poderão se dirigir ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas para a realização de denúncias e/ou reclamações referente aos aspectos éticos da pesquisa.

BENEFÍCIOS

Sendo os participantes voluntários, não terá nenhum tipo de remuneração (direta ou indireta) decorrente de sua participação.

A colaboração nesse projeto visa ampliar o conhecimento sistemático e rigoroso sobre a prática da ginástica de trampolim no contexto brasileiro, e desse modo, contribuir no desenvolvimento dessa área.

SIGILO E PRIVACIDADE

Os voluntários poderão recusar-se a participar dessa pesquisa em qualquer

Rubrica do pesquisador:

ngk

Rubrica do participante:

SBA

momento, sem que isto acarrete qualquer penalidade ou cause prejuízo ao seu tratamento, nem represálias de qualquer natureza.

A qualquer momento os entrevistados poderão dirigir-se aos pesquisadores para esclarecimento de dúvidas acerca da realização da pesquisa. Da mesma forma, poderão se dirigir ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas para a realização de denúncias e/ou reclamações referente aos aspectos éticos da pesquisa.

A identidade dos sujeitos (entrevistados) será utilizada ao longo do trabalho e no relatório final da pesquisa. No entanto, os voluntários tem total liberdade para solicitar o anonimato, isto, a utilização de pseudônimo.

RESSARCIMENTO

A participação nessa pesquisa não acarretará em gastos para os voluntários, de modo que não está previsto nenhum tipo de ressarcimento econômico decorrente da mesma.

CONTATO

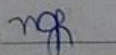
Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com os pesquisadores Murilo Guarnieri Roveri – (19) 981735960 – e-mail: muhgr@hotmail.com; Marco Antonio Coelho Bortoleto – (19) 981761985 – e-mail: bortoleto@fef.unicamp.br ou no endereço: Faculdade de Educação Física – FEF – Avenida Êrico Veríssimo, 701, Cidade Universitária Zeferino Vaz, Barão Geraldo - CEP 13.083-851, Campinas, SP, Brasil.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você pode entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP: Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936; fax (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br

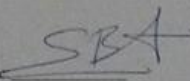
Consentimento livre e esclarecido:

Após ter sido esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Rubrica do pesquisador:



Rubrica do participante



Nome do(a) participante: Sergio de Almeida Bastos

SAB

(Assinatura do participante)

Data: 15/05/2015

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma cópia deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Murilo G. Rossi

(Assinatura do pesquisador)

Data: 15/05/2015

Rubrica do pesquisador:

ngf

Rubrica do participante:

ANEXO III
Roteiro das entrevistas

GINÁSTICA DE TRAMPOLIM NO BRASIL: HISTÓRIA, DESENVOLVIMENTO E DESAFIOS.

Pesquisador: Murilo Guarnieri Roveri

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

- 1) O senhor/a poderia fazer uma breve apresentação pessoal e profissional, destacando sua experiência (como árbitro, treinador, ginasta) na área da ginástica de trampolim.
- 2) Em sua opinião, quais fatores auxiliaram no crescimento e desenvolvimento da Ginástica de Trampolim no Brasil?
- 3) Quais foram os principais avanços da ginástica de trampolim no Brasil nos últimos anos? Quais os principais ginastas? Clubes? Competições?
- 4) Quais resultados competitivos você destacaria, especialmente no âmbito internacional?
- 5) Como, em sua opinião, tem sido o nível técnico dos atletas em campeonatos brasileiros?
- 6) A participação de equipes e ginastas individuais tem sido suficiente nos campeonatos nacionais? É possível observar crescimento ou diminuição no número de participantes? Em outros momentos da história, é possível identificar maior participação?
- 7) Quais as principais dificuldades você destacaria para o desenvolvimento da modalidade?
- 8) Quais seriam, em sua opinião, as possíveis soluções para esse problema?
- 9) Como tem sido a atuação das Federações Estaduais e da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) no âmbito formativo (cursos, etc.)? Quais aspectos a CBG deveria atentar-se para melhorar o desempenho da GT no Brasil?
- 10) Como você avalia a transição da modalidade da Confederação Brasileira de Trampolim e Esportes Acrobáticos (CBTEA) para a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG)?
- 11) No que diz respeito a arbitragem, qual sua opinião sobre a atual situação da GT no Brasil ?
- 12) Por fim, você gostaria de realizar algum comentário que possa ajudar-nos a compreender o desenvolvimento da GT no Brasil ao longo da história?